



Caderno de resumos

II Simpósio de Fonologia, Variação e Ensino

Luciani Tenani (Unesp)

André Pedro da Silva (UFBA)

Organizadores



Luciani Tenani (Unesp)
André Pedro da Silva (UFBA)
(Organizadores)

Caderno de resumos

II Simpósio de Fonologia, Variação e Ensino

Araraquara
Letraria
2024

Ficha catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Simpósio de Fonologia, Variação e Ensino (2.: 2024:
Salvador, BA)

Caderno de resumos [livro eletrônico] / Luciani Tenani,
André Pedro da Silva, (organizadores). - Araraquara, SP:
Letraria, 2024.

PDF.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-089-2

1. Ensino 2. Fonologia 3. Linguística 4. Pesquisa I.
Tenani, Luciani. II. Silva, André Pedro da. III. Título.

24-227030

CDD-414

Índices para catálogo sistemático:

1. Fonologia : Linguística 414

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Apoio financeiro:

PAEP/CAPES

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
(Recursos PROEX/CAPES)

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Realização e organização

ProfLetras, UFBA

PPGEL, UNESP



Informações institucionais da UFBA

Reitor PAULO CESAR MIGUEZ DE OLIVEIRA

Vice-reitor PENILDON SILVA FILHO

Instituto de Letras

Diretora ALVANITA ALMEIDA SANTOS

Vice-diretora LILIAN TEIXEIRA DE SOUSA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Luciani Tenani, Unesp/CNPq
André Pedro da Silva, UFBA

11

MESAS-REDONDAS

MESA-REDONDA DE ABERTURA

Por que um Mestrado Profissional em Letras?

Dermeval da Hora, UFPB

14

Variação fônica e preconceito linguístico

Jacyra Andrade Mota, UFBA/CNPq

14

MESA-REDONDA DE ENCERRAMENTO

Acentuação: o que dizem os textos de alunos do Ensino Fundamental II

José Magalhães, UFU

15

“Com ver sando” sobre ortografia e fonologia

Luciani Tenani, Unesp/CNPq

15

MINICURSOS

É assim que se fala ou que se escreve? Noções de fonética e ortografia do português

Ministrante: Leônidas José da Silva Junior, UFPB

17

Sílaba, variação e ensino

Ministrante: Vera Pacheco, UESB

17

Contribuições da Sociolinguística e da Dialetoлогия para o ensino de Língua Portuguesa

Ministrante: Dircel Aparecida Kailer, UEL

18

Fonologia e variação fonético-fonológica no português brasileiro

Ministrante: Elisa Battisti, UFRGS/CNPq

18

Oralidade e princípios do sistema alfabético: processo de ensino e aprendizagem da ortografia do português

Ministrante: Mikaela Roberto, UFRRJ

19

Como a fonologia pode contribuir para o ensino da língua portuguesa? 19
Ministrante: Juliene Pedrosa, UFPB

Reflexões sobre as formas não-convencionais de escrita em produções textuais de estudantes de Ensino Fundamental 19
Ministrante: Natália Cristine Prado, UNIR

COMUNICAÇÕES

ÁREA: FONÉTICA

Confronto da apócope das vogais altas [i] e [u] em Minas Gerais com base nos dados do ALIB 23
Maria do Carmo Sá Teles de Araujo Rolo

Oclusivas alveolares e africadas alveopalatais no Português de Recife: análise categórica da variável vozeamento 24
Eraldo Batista Silva Filho

ÁREA: FONOLOGIA

A hipossegmentação da escrita e os processos de sândi externo nas redes sociais: o caso do grupo clítico 27
Ana Clara Ferreira Orrico, Eliete Figueira Batista Silveira

Proposta de análise prosódica de migrantes e filhos de migrantes 29
Priscila Ferreira de Alécio

ÁREA: FONOLOGIA E ENSINO

“O menino pergunta ao eco onde é que ele se esconde”: ensinando a segmentação de palavra no ciclo da alfabetização 31
Giovanna Alves Santos, Luciani Ester Tenani

A hipossegmentação na escrita de alunos da educação do campo: uma reflexão na perspectiva da prosódia 33
Iara Cardoso De Sá, Lucirene da Silva Carvalho

A monotongação no ensino de língua portuguesa 35
Sandra da Silva Sá Pena, André Pedro da Silva

A troca do pronome pessoal oblíquo átono “me” pelo tônico “mim”: um estudo sob a perspectiva da nasalidade José Kelli Ibiapino Albuquerque	36
Apagamento por apócope do rótico /r/ em verbos no infinitivo na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental: uma proposta de intervenção fonológica Juliete Elaine Martins da Silva, Leônidas José da Silva Junior	37
Aprendizagem da escrita, mudança linguística e grafia do rótico em final de palavra Nicole Maria dos Santos Mello, Carolina Serra	38
As sílabas do português e o ensino de ortografia Silvana Santos Damasceno Nascimento	40
Casos de não grafia do rótico: efeitos da mudança linguística no aprendizado tardio da escrita Lucas Benamor Martins da Silva, Carolina Serra, Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo	41
Conte com fones: alfaletando nas redes Vanessa Gonzaga Nunes, Vitor Hochsprung	43
Desenvolvimento da consciência fonológica e a aprendizagem de escrita inicial de alunos do 2º ano no município de Queimados/RJ Andrezza Oliveira Freitas, Daniela Samira da Cruz Barros	44
Erros ortográficos na escrita de estudantes do 9º ano do ensino fundamental II: uma proposta de intervenção Mariana Cunha	46
Estudos sobre povos indígenas no ensino fundamental: adequações fonético-fonológicas, morfo-semânticas de vocábulos do tronco Tupi para o português Carla de Aquino Cunha, Marluvia Maria Alves	47
Fono(alvo): a nasalidade em jogo Denson André Pereira da Silva Sobral	48
Fonologia e ensino: como trabalhar o acento gráfico em sala de aula? Flávia Camata de Oliveira Malaguth, Marian Oliveira, Vera Pacheco	49

Fonologia em sala de aula: experiências, reflexões e desafios nas práticas de ensino de professores da educação básica	50
Rose Maria Leite de Oliveira	
O desenvolvimento de jogos pedagógicos para o aprimoramento de desvios ortográficos	51
Fernando Augusto de Lima Oliveira, Marcus Garcia de Sene	
O ensino de português por meio das cartas fonéticas do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)	52
Jéfter Gonçalves Amorim, Eliane Pereira Machado Soares	
Olha quem tá falando!: uma sequência de atividades para conscientizar sobre a importância da oralidade	53
Vanessa Gonzaga Nunes	
Onde bate a minha língua? E a sua? Palatografia e linguografia estáticas como ferramenta didática para visualizar a variação fonética em sala de aula	55
Andressa Toni	
Ortografia em foco: identificação e redução dos desvios ortográficos na escrita escolar	56
André Pedro da Silva, Luciary Reis	
Reflexões acerca de aquisição de escrita no EF sob a influência dos processos fonológicos e o auxílio da ludicidade	57
Rogeria Bueno Fegueredo, Luciane Braz Perez Mincoff	
Rotapcismo: um aplicativo para redução do rotacismo nas aulas de língua portuguesa	58
Alcione Vieira Silva, Leônidas José da Silva Junior, Allan Teixeira	
Transcrição fonética e fonológica na escrita de estudantes do Ensino Fundamental	59
Mayara Ferraz Lopes da Encarnação, Vera Pacheco	
ÁREA: VARIAÇÃO FONOLÓGICA	
Alternância entre consoantes líquidas no contexto de ataque complexo: reflexões sobre variação e ensino da língua escrita	62
Ludquellen Dias, Juliana Ludwig Gayer, Silvana Santos Damasceno Nascimento	
As reduções fonéticas em produções de textos do campo de atuação vida pública: uma proposta didática para o ensino fundamental anos finais	63
Elizenice de Barros, José de Barros	

Impactos dos avanços da educação brasileira na adaptação linguística de migrantes em situação de contato dialetal Emerson Santos de Souza	64
O apagamento do /r/ em infinitivos verbais Thais Abreu de Oliveira, Érica Aparecida Alves Fraga	65
Restrições que favorecem ou não o hiato ou o ditongo na sequência IV Dermeval da Hora	66
Uma análise das variáveis linguísticas da ditongação diante de /s/ em Sergipe: dados do ALiB Lays dos Santos Andrade, Amanda dos Reis Silva	68
Variação da lateral palatal em falares nordestinos Eliane Pereira Machado Soares	70
Variação fonético-fonológica, identidade e <i>likes</i>: dos <i>smartphones</i> às salas de aula Amanda dos Reis Silva	71
PÔSTERES	
A hipossegmentação nas redes sociais Luiza da Conceição da Silva	74
A supergeneralização da regra de ditongação na escrita em mídia digital Anna Luíza Gomes da Silva Lopes, Eliete Figueira Batista Silveira	75
A aprendizagem de fonética e fonologia da língua portuguesa: análise do livro didático “Teláris essencial - Português”, do 6º ano do Ensino Fundamental Isabelly Furtado de Andrade, Natã Araújo, Carla Sousa Neves	76
Desvios na representação física: grafia vs. som, na produção textual de alunos da educação básica Joselice Daltro Minho, Elizabete Maia	78
Experiência de tabulação de erros ortográficos na escrita de alunos do segundo segmento do ensino fundamental por graduandos de iniciação científica de Letras da UFRRJ Nicole Silva, Tania Mikaela Garcia Roberto, Gean Roberto Braga Schneider	79

Índices de inabilidade na escrita de estudantes contemporâneos e na de mãos inábeis do passado: um estudo contrastivo de fenômenos grafofonéticos Eduardo Vital Martins, Huda Silva Santiago	80
O apagamento da vogal postônica medial em palavras proparoxítonas nas capitais do nordeste brasileiro mapeadas pelo projeto ALiB - Etapa I Júlia Emanuele Andrade Nascimento, André Pedro da Silva	81
O apagamento da vogal postônica medial em palavras proparoxítonas nas capitais do nordeste brasileiro mapeadas pelo projeto ALiB - Etapa I: Maceió e Recife Carolina Lima Santos, André Pedro da Silva	82
O apagamento da vogal postônica medial em palavras proparoxítonas nas capitais do nordeste brasileiro mapeadas pelo projeto ALiB - Etapa I: João Pessoa Maria Eduarda Calazans Oliveira, André Pedro da Silva	83
Os desafios da prática da escrita no contexto escolar e suas percepções fonológicas Camila Lima Castro, Celene Fernandes Barbosa Santos	84
Parlaventura: ensinando ortografia de modo lúdico a partir de um objeto digital de aprendizagem Priscila Paula Silva de Marins, Tania Mikaela Garcia Roberto	85
Processos fonológicos e sua influência na escrita de estudantes da educação básica Erica Silva Dias, Lais Silva Correia Paz	86
Processos fonológicos: uma reflexão dos traços da oralidade presentes na escrita escolar Eliete dos Santos Lima, Soraia Pereira dos Santos, Geisiane Silva Santos	87

APRESENTAÇÃO

A proposta do II Simpósio “Fonologia, Variação e Ensino” nasceu de conversas entre coordenação e docentes responsáveis pela disciplina “Fonologia, Variação e Ensino”, que integra o Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (ProfLetras), sob coordenação nacional da professora Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN) e coordenação nacional adjunta do professor Dr. Gerson Rodrigues da Silva (UFRRJ). O desejo comum foi o de se encontrar para trocar experiências e conhecimentos sobre os processos fonéticos e fonológicos variáveis que têm estreita relação com as dificuldades ortográficas verificadas em textos escritos por alunos no Ensino Fundamental e Médio.

Após o distanciamento social decorrente da pandemia de covid-19, alguns desafios se acentuaram e novos surgiram no ambiente escolar, notadamente, aqueles relativos ao ensino de português e das convenções ortográficas. É, pois, um momento importante de reencontro para, juntos, identificarmos e propormos caminhos para o enfrentamento desses desafios.

Nesse contexto, um grupo de docentes do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação do professor Dr. André Pedro da Silva, assumiu – com a colaboração da coordenadora nacional da disciplina, a professora Dra. Luciani Tenani, a responsabilidade de criar o ambiente acadêmico propício para acolher professores, em atuação e em formação, comprometidos com o conhecimento e o processo de ensino e aprendizagem de português.

A comissão organizadora do evento planejou o simpósio de maneira a fomentar o diálogo e o aprendizado por meio de duas mesas-redondas, sete minicursos e várias seções de comunicação de modo presencial e virtual, viabilizando a participação do maior número possível de pesquisadores. Os resumos dessas apresentações se encontram publicados neste Caderno de Resumos que, por sua vez, não apenas divulga as reflexões e experiências acerca dos conteúdos de língua portuguesa no Ensino Fundamental e Médio, mas também instiga o desenvolvimento de pesquisas que contemplem a diversidade linguística do português falado no Brasil.

Todos os diretamente empenhados na realização do simpósio trabalharam de maneira a acolher os professores que buscam aprimorar sua formação, principalmente aqueles no ProfLetras, que se deparam com alunos que têm muitas dificuldades com a ortografia do português e sentem a necessidade de ampliar os conhecimentos não só sobre a ortografia, mas também sobre como a fala funciona em suas características fonéticas e fonológicas.

Que este II Simpósio “Fonologia, Variação e Ensino” seja um encontro de pessoas efetivamente comprometidas com o conhecimento cientificamente embasado que promove a formação plena e efetiva de crianças e adolescentes em leitores e escritores em português.

Luciani Tenani, Unesp/CNPq

Coordenadora nacional da disciplina “Fonologia, Variação e Ensino” do ProfLetras

André Pedro da Silva, UFBA

Coordenador do II Simpósio “Fonologia, Variação e Ensino”

Salvador, 21 de outubro de 2024.

MESAS-REDONDAS E MINICURSOS

Mesa-redonda de abertura

Por que um Mestrado Profissional em Letras?

Dermeval da Hora, UFPB

Há sempre um desencanto, quando se começa a pensar a Língua Portuguesa a partir de sua estrutura, seja ela fonológica, morfológica, sintática ou semântica. Dificuldades surgem diante da falta de obviedade esperada por aqueles que nela se debruçam. Passamos até o Ensino Médio ouvindo falar de uma série de coisas relacionadas à língua sem muitos fundamentos. Por que estamos estudando isso e aquilo, em que iremos utilizar tal conhecimento? Perguntas que nem sempre encontram respostas. E esse deveria ser o objetivo dos cursos profissionalizantes, ou melhor, dos Mestrados Profissionais: esclarecer aos professores os verdadeiros objetivos de suas existências. Isso aconteceu com o PROFMAT e também deveria acontecer com o PROFLETRAS. São dois programas de Mestrado Profissional que atuam em frentes de extrema importância para a formação dos interessados nos estudos linguísticos e matemáticos, bases essenciais para a compreensão da vida. O ser humano, ser social que é, encontra-se atrelado a esses dois grandes mercados de saber: a língua e os números. Com eles convivem toda a vida e é importante que os reconheçam como algo inerente à sua própria existência. Pensar a estrutura da língua, em sua formação, é procurar entender o que de mais básico existe em cada um de nós, porque existimos nos usos da língua. Ensinar português é, portanto, ensinar a pensar sobre si e sobre o outro, em nossa diversidade.

Variação fônica e preconceito linguístico

Jacyra Andrade Mota, UFBA/CNPq

Partindo do entendimento de preconceito linguístico como um juízo de valor negativo às variedades linguísticas de menor prestígio social, analisam-se algumas ocorrências, documentadas nos dados fornecidos pelo Projeto ALiB, procurando entendê-las do ponto de vista da história do português do Brasil e reformulando a noção, ainda altamente enraizada, de que são feias ou incorretas. Para exemplificar, podemos citar a pronúncia dentalizada das oclusivas /t, d/, muito presentes no Nordeste, criticadas por falantes de outras regiões, apesar de representar a conservação das variantes trazidas ao Brasil pelos portugueses. Espera-se que a reflexão sobre casos desse tipo possa ajudar a combater o preconceito, desfazendo mitos que ainda persistem no ensino.

Mesa-redonda de encerramento

Acento gráfico e conhecimento fonológico: o que dizem os textos de alunos do Ensino Fundamental II

José Magalhães, UFU

O acento de palavra no português, considerada a abordagem fonológica, é caracterizado por um conjunto de regras que pouco trazem de regularidade. Não se questiona que a grande maioria dos vocábulos da língua são paroxítonos. Contudo, há um bom número de palavras oxítonas e, partindo-se da margem direita, o acento pode chegar até a antepenúltima sílaba, caracterizando as proparoxítonas, estas em menor quantidade. Alcançar generalizações que traduzam essas posições acentuais não tem sido tarefa fácil para os fonólogos (Cf. Bisol, 1994; Lee, 2004; Massini-Cagliari, 2000; Magalhães, 2008). Imagine-se, então, quão árdua é a tarefa do professor e do aluno em sala de aula, o primeiro para ensinar e o segundo para absorver tamanha complexidade. De posse dessas ponderações, esta apresentação procurará revelar, com base em dados obtidos junto a um conjunto de textos de alunos do ensino básico, especificamente do nível fundamental II, quais estratégias estes aprendizes têm utilizado para a grafia correta relativamente à acentuação gráfica e que associações são feitas com o conhecimento fonológico que possuem de sua própria língua. Não se perde de vista que a ortografia segue um padrão estabelecido acerca dos diacríticos necessários para marcar, na modalidade escrita, as irregularidades encontradas na modalidade falada.

“Com ver sando” sobre ortografia e fonologia

Luciani Tenani, Unesp/CNPq

Nesta apresentação, trato de erros ortográficos que se caracterizam pela segmentação não convencional de palavras, como em “com verso” (converso) e “concerteza” (com certeza), encontrados em textos de sexto a nono ano do Ensino Fundamental. Argumento que essas segmentações são fruto de hipóteses (conflitantes) sobre a grafia de palavras, notadamente sobre a grafia de monossílabos átonos (por exemplo: “com, de, que me, se”), com base na análise de características fonológicas (especialmente as entoacionais), morfossintáticas e semânticas dos enunciados. A abordagem propõe interpretar possíveis motivações dos erros ortográficos como efeito do processo de produção de textos. Pretendo, assim, oferecer uma contribuição para a reflexão sobre o ensino da ortografia em ambiente escolar.

MINICURSOS



OMNIBUS COLLOQUOR

**INSTITUTO
DE LETRAS
UFBA**



Minicurso: É assim que se fala ou que se escreve? Noções de fonética e ortografia do português

Ministrante: Leônidas José da Silva Junior, UFPB

A Fonética é a área das Ciências da Fala que se ocupa da produção sonora exercida por nossa natureza física e biológica, ou seja, da fala. O professor deve ter em mente que inúmeras inadequações quanto à norma-padrão na escrita dos alunos são oriundas da oralidade (Silva Jr., 2023). Deste modo, este minicurso tem por objetivo mostrar, de forma introdutória e didática, a relevância da fonética (e da fonologia) no ensino de língua portuguesa, desde a etapa de alfabetização às influências da fala na escrita presentes ao longo da educação básica. Mostraremos, a partir de atividades lúdicas, como a fonética pode beneficiar o professor e o aluno nas aulas de português e o que professor precisa saber a respeito dessa temática no intuito de amenizar possíveis dificuldades que os alunos possam vir a ter durante o curso das aulas no âmbito da relação fala-escrita. Como assinalado por Kailer, Magalhães e Hora (2023, p. 15), apontaremos leituras e atividades de cunho fonético-fonológico que podem auxiliar no trabalho com questões relacionadas “aos desvios ortográficos da norma-padrão por influência da fala durante o ensino-aprendizado de língua portuguesa; desde a fase de alfabetização seguindo até os últimos anos escolares do aluno nos ensinos fundamental e médio”. Serão contemplados neste minicurso aspectos como: i) descrição de fenômenos fonético-fonológicos nos domínios segmental e prosódico, ii) variação e mudança linguística sob uma perspectiva fonético-fonológica, iii) a relação fala-escrita e as exigências da norma oficial da língua portuguesa do Brasil, iv) a interação entre a fonética e os jogos educativos para potencializar uma escrita da norma-padrão mais precisa.

Minicurso: Sílabas, variação e ensino

Ministrante: Vera Pacheco, UESB

A sílaba é a unidade fonológica formada pela combinação de segmentos conforme a fonotaxe da língua. Diferenças entre a estrutura silábica encontrada na fala e a forma prevista na escrita oficial podem ser a causa de ocorrências de formas divergentes comuns nos textos escritos de nossos alunos dos anos iniciais ou dos anos mais avançados. É de suma importância que o professor identifique as formas divergentes que estão associadas à estrutura silábica, para propor atividades de intervenção direcionadas. Diante disso, neste minicurso, propomos que se trabalhe a sílaba em sala de aula partindo de três premissas: a) o papel significativo dos constituintes silábicos; b) o contraste entre as variações dialetais e a forma escrita, e c) aprendemos do mais simples para o mais complexo.

Minicurso: Contribuições da Sociolinguística e da Dialetoлогия para o ensino de Língua Portuguesa

Ministrante: Dircel Aparecida Kailer, UEL

A língua é viva, varia, muda e, conforme as interações sociais e culturais, incorpora novos sons, novas entonações, novas construções sintáticas, novos vocábulos que também têm seus significados modificados (Antunes, 2009). Seu papel é fundamental na construção das identidades individuais e na constituição da identidade de um povo (Oliveira, 2006). Considerando esses aspectos, nós professores da Língua Portuguesa não podemos trabalhar com uma língua que cabe apenas em determinados livros, que exclui, que cala, que é difícil e distante da língua usada por nossos alunos. É necessário que conheçamos a diversidade linguística de nosso país para que, ao ensinar o uso da língua oral e escrita, em diferentes esferas e gêneros discursivos, possamos partir daquilo que o nosso aluno traz para a sala de aula e mostremos que não há apenas o “certo” e o “errado”, mas o mais adequado para cada contexto de interação e que cada escolha consciente ou inconscientemente é carregada de significado. Sendo assim, o presente minicurso objetiva discutir a relevância das descrições dialetológicas e sociolinguísticas para o ensino inclusivo e libertador da Língua Portuguesa.

Minicurso: Fonologia e variação fonético-fonológica no português brasileiro

Ministrante: Elisa Battisti, UFRGS/CNPq

O minicurso trata dos condicionamentos linguísticos de variáveis fonológicas observadas no português brasileiro. O objetivo do minicurso é fornecer aos participantes subsídios para identificar as motivações fonológicas de realizações fonéticas variáveis, assim contribuindo para o tratamento da variação e para o acolhimento da diversidade linguística nas práticas escolares. São examinados processos que afetam as consoantes, como a palatalização regressiva de /t, d/, processos que afetam as vogais, como a elevação das vogais átonas /e, o/, processos que ocorrem entre palavras, como o sândi vocálico externo. Resultados de diversos estudos empíricos sobre variedades do português brasileiro são apresentados, para mostrar que boa parte dos processos produz variação estável, que nem todas as variáveis estão presentes em todos os dialetos de português e que, enquanto algumas variáveis ocorrem abaixo do nível da consciência social, outras são socialmente salientes e estigmatizadas, o que pode ter implicações para atividades de ensino-aprendizagem centradas na norma-padrão.

Minicurso: Oralidade e princípios do sistema alfabético: processo de ensino e aprendizagem da ortografia do português

Ministrante: Mikaela Roberto, UFRRJ

O minicurso tem como objetivo explorar as diferentes motivações dos erros ortográficos com o propósito de capacitar professores de Língua Portuguesa da Educação Básica para um processo mais eficiente de ensino e aprendizagem da ortografia. O curso parte de uma análise das diferentes categorizações dos erros ortográficos e propõe encaminhamentos pedagógicos específicos a cada tipo de erro, contribuindo para que o aluno participante desenvolva estratégias pedagógicas eficazes para as diferentes correspondências fonêmico-grafêmicas do Português Brasileiro (PB). Ao final do minicurso, os alunos participantes terão desenvolvido uma maior fundamentação teórico-metodológica em uma perspectiva sociointeracionista, com ênfase na andaimagem e na gamificação para propostas mais assertivas de ensino e aprendizagem da ortografia do PB.

Minicurso: Como a fonologia pode contribuir para o ensino da língua portuguesa?

Ministrante: Juliene Pedrosa, UFPB

Ao pensar sobre o ensino de língua e, especificamente, o ensino de língua portuguesa, muitas vezes não se observa claramente a contribuição da fonologia. Por isso, há muito se tem a necessidade de levantar discussões sobre o assunto e, o mais importante, de se pensar práticas que possam trazer as contribuições das teorias fonológicas para o ensino de língua portuguesa na educação básica. Para reforçar esse olhar aplicado, este minicurso objetiva visitar, discutir e propor pesquisas que utilizam teorias e conceitos fonológicos na sala de aula da educação básica e, dessa forma, buscar ampliar essa discussão nos espaços acadêmicos.

Minicurso: Reflexões sobre as formas não-convencionais de escrita em produções textuais de estudantes de ensino fundamental

Ministrante: Natália Cristine Prado, UNIR

O objetivo deste minicurso é tecer reflexões sobre as principais formas não-convencionais de escrita – isto é, os chamados “erros de escrita” que ocorrem a partir de desvios

das normas ortográficas e gramaticais vigentes – presentes em uma seleção de 200 produções textuais de alunos de Ensino Fundamental (EF) da rede de ensino do município de Porto Velho – RO. Dessa forma, esperamos promover discussões acerca das relações entre as escolhas gráficas dos alunos e seus conhecimentos linguísticos implícitos, especialmente, os de natureza fonológica.

COMUNICAÇÕES

INSTITUTO
DE LETRAS
UFPA

Área: Fonética

Trabalho: CONFRONTO DA APÓCOPE DAS VOGAIS ALTAS [I] E [U] EM MINAS GERAIS COM BASE NOS DADOS DO ALIB

Autor(es): Maria do Carmo Sá Teles de Araujo Rolo

Resumo: Objetiva-se com este trabalho investigar a apócope das vogais átonas [i] e [u] na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, em exemplos como “pescos” para pescoço; “aquele” para aquele. Trata-se de um fato marcante, documentado em áreas do interior, como se pode observar nos estudos realizados com base no ALiB, atlas que vem sendo publicado desde 2014, bem como nos estudos contemporâneos que descrevem o apagamento de vogais (Oliveira, 2006, 2012; Rolo, 2016) e no Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (Ribeiro *et al.*, 1977). Para esta análise assumem-se os fundamentos do modelo estruturalista de Câmara Jr. (2004), bem como os postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) e da Dialetoologia Pluridimensional (Thun, 2000). O presente estudo pauta-se em elocuições de quatro falantes, todos nativos da capital, não universitários, vinculando-se aos critérios de seleção previstos na metodologia geral do ALiB. A amostra analisada é constituída pelas respostas ao QFF, ao QMS e aos temas para o discurso semidirigido (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001). Como variáveis linguísticas, consideram-se as consoantes pré-vocálicas e o contexto fonético seguinte. Como variáveis extralinguísticas, consideram-se o sexo, a faixa etária, o tipo de questionário e a localidade. O confronto dos dados mostra que tanto na capital quanto no interior há uma maior incidência da apócope associada à natureza das consoantes pré-vocálicas e ao contexto fonético seguido de consoante tanto para [i] quanto para [u]. A apócope ocorre majoritariamente no discurso semidirigido. Na capital, os mais velhos favorecem com maior força, enquanto no interior, são os mais jovens que favorecem, o que sugere haver estigma social na capital em relação ao processo. Tais resultados confirmam a apócope já observada nos estudos existentes em Minas Gerais (Oliveira, 2006, 2012; Rolo, 2016), no EALMG (Ribeiro *et al.*, 1977) e agora ratificada também no Atlas Linguístico do Brasil em localidades do interior e na capital de Minas Gerais.

Palavras-chave: ALiB, Apócope, Diatopia, Variação fônica, Vogais átonas finais.

TRABALHO: OCLUSIVAS ALVEOLARES E AFRICADAS ALVEOPALATAIS NO PORTUGUÊS DE RECIFE: ANÁLISE CATEGÓRICA DA VARIÁVEL VOZEAMENTO

Autor(es): Eraldo Batista Silva Filho

Resumo: Esta pesquisa foi feita através de um estudo indutivo-dedutivo, utilizando uma metodologia experimental. Seu objetivo geral foi investigar a ocorrência de oclusivas alveolares e de africadas alveopalatais do Português do Recife, a fim de se comprovar se essa variedade de fala, dita como não realizadora de africadas, permanece estável em relação aos índices de ocorrência desse fenômeno. Ancorou-se nas seguintes bases teóricas: a Sociolinguística (Meyerhoff, 2006; Bailey; Lucas, 2007; Labov, 2008), a partir da qual serão refletidas as variedades do Português falado em Recife; a Sociofonética, que liga a Sociolinguística à Fonética, através de métodos fonéticos de análise quantitativa da variação e mudança de uma língua (Hay; Drager, 2007; Foulkes; Scobbie; Watt, 2013); e os modelos fonológicos multirrepresentacionais, aqui representados pela Teoria de Exemplos, sob a visão de Pierrehumbert (2002) e pela Fonologia de Uso, sob a ótica de Bybee (2003). A hipótese que motivou esta pesquisa foi que as africadas alveopalatais estão emergindo no Português de Recife, em contextos específicos. Assim, procurou-se avaliar se esta variedade continua a ser não realizadora de africadas, como foi reportado por Abaurre e Pagotto (2002) ou se traços de africacão têm emergido em algum contexto particular. Na metodologia, foram utilizados 16 participantes, separados por idade (até 25 anos e a partir de 50 anos), por sexo (masculino e feminino), por região (dois bairros recifenses tradicionais e dois emergentes) e por escolaridade (com o Ensino Superior em andamento ou já o tendo concluído); três (03) tipos de experimentos (leitura de palavras, elicitacão de imagens e formacão de sentenças), cada um deles contendo as quarenta e duas (42) palavras selecionadas para esta investigacão, escolhidas conforme seu tipo fonotático, resultando em um total de 1.054 dados. As variáveis dependentes aqui estudadas foram as oclusivas alveolares e as africadas alveopalatais, cujo percentual de ocorrências foi de 71% para as oclusivas e 29% para as africadas. A análise dessas variáveis foi a Categórica, utilizada na investigacão da africacão na categoria Vozamento, já que achados prévios na literatura (Barbosa, 2013; Cristófarosilva, 2002, 2012 e Oliveira-Guimarães, 2004) indicam que as consoantes oclusivas desvozeadas favorecem a africacão. Assim, estabeleceu-se a hipótese de que as oclusivas desvozeadas apresentam maiores índices de africacão do que as oclusivas vozeadas.

Os resultados obtidos indicam que os índices são maiores para as consoantes africadas desvozeadas (34%) do que para a consoante africada vozeada (22%), confirmando que as oclusivas desvozeadas favorecem a emergência de africadas.

Palavras-chave: Oclusivas alveolares, Africadas alveopalatais, Emergência de africacão, Português de Recife, Categoria Vozeamento.

Área: Fonologia

Trabalho: A HIPOSEGMENTAÇÃO DA ESCRITA E OS PROCESSOS DE SÂNDI EXTERNO NAS REDES SOCIAIS: O CASO DO GRUPO CLÍTICO

Autor(es): Ana Clara Ferreira Orrico, Eliete Figueira Batista Silveira

Resumo: O presente trabalho irá explorar as propriedades do grupo clítico no contexto do sândi externo no Português Brasileiro, conforme descritas por Bisol (2000). Por ser o primeiro constituinte prosódico de atuação do sândi externo, faz-se necessário ressaltar as características do domínio prosódico grupo clítico. Este é sensível a regras fonológicas pós-lexicais, como a neutralização, característica no português brasileiro (Bisol, 2005). Além disso, esse grupo difere de outros constituintes prosódicos por sua natureza híbrida, a dependência de um hospedeiro e a invisibilidade às regras de acentuação, exemplos: Do livro [duli.vru]C (posição pretônica), Amo-te ([a.mʊtʃi]C (posição postônica), grafados de forma hipossegmentada como *dulivro* e *amote*, respectivamente. Nessa perspectiva, apresentamos a hipótese de que a maior incidência de hipossegmentação do grupo clítico se deveria (i) à atonicidade do clítico e sua consequente dependência do hospedeiro para exercer função, e (ii) escreventes menos hábeis tenderão a hipossegmentar mais frequentemente do que os mais hábeis, o que pode servir de base para estabelecer graus de letramento escolar. Para discussão e análise dos resultados, utilizaremos os pressupostos teóricos da Fonologia de base Gerativa (Bisol, 2013) e da Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 1986), que preveem a existência de uma gramática internalizada da qual os usuários da língua dispõem para adquirir e produzir língua. A hipossegmentação seria, então, evidência do acionamento da gramática da fala. Para esta pesquisa qualitativa, coletaremos dados de diferentes fontes das redes sociais – como o X e o Facebook – por meio de ferramenta de busca “pesquisar” (lupa) da própria rede social, visando os paradigmas principais do fenômeno. Utilizaremos as seguintes técnicas e procedimentos de pesquisa: análise e descrição das ocorrências de hipossegmentação nas redes sociais, por meio do controle de alguns condicionantes, a saber: tipo de sândi (natureza do clítico (artigo, pronome, conjunção, preposição), tipo de junção (clítico + palavra fonológica, palavra fonológica + clítico, entre outras), posição do grupo clítico no domínio prosódico mais alto (frase entoacional ou enunciado – início, meio e fim). Contudo, é importante ressaltar que dada a ausência de informações específicas sobre os usuários, como sexo, faixa etária e escolaridade, não há como apresentar tais identificações. Assim, as variáveis desse estudo serão, prioritariamente, de ordem linguística. Espera-se, portanto, que o presente trabalho auxilie na compreensão do fenômeno da hipossegmentação decorrente

do processo de sândi externo, servindo ainda para a observação da interveniência do conhecimento fonológico do escrevente em sua produção textual. Cabe ainda considerar que a pesquisa pode servir de base para discussões sobre o ensino e o processo de aprendizagem da escrita.

Palavras-chave: Fonologia Prosódica, Hipossegmentação, Sândi Externo, Grupo Clítico.

Trabalho: PROPOSTA DE ANÁLISE PROSÓDICA DE MIGRANTES E FILHOS DE MIGRANTES

Autor(es): Priscila Ferreira de Alécio

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de expor uma pesquisa a ser realizada no decorrer do doutoramento em Estudos da Linguagem, a fim de investigar os aspectos prosódicos, bem como outros processos que constituem o falar do norte de Mato Grosso. Tem-se a relevância da pesquisa na compreensão do processo de colonização dos municípios que compõem a parte norte do estado de Mato Grosso, bem como analisar o motivo destes migrarem, quais as dificuldades encontradas e os principais desafios. E, principalmente, compreender como esse processo migratório interferiu na variedade linguística proveniente das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, como também as percepções e atitudes linguísticas. O intuito é investigar como dá-se a constituição prosódica dos migrantes sulistas, que residem no município de Cláudia, situado ao norte de Mato Grosso, e comparar com os filhos destes. A pesquisa será realizada também no município de Sinop, uma vez que se constitui por sujeitos vindos das regiões Sul e Sudeste. Como pressuposto teórico, tem-se Ferreira Neto (2006) e Barbosa (2005), além de teóricos da Sociolinguística e da Dialetologia Perceptual, Labov (2008), Lopes (2017), Long e Preston (1999), Preston (1989, 1999, 2010), Fiel (2021), Tenani (2019, 2020, 2021). A pesquisa encontra-se em fase de escrita da tese, em específico os dois capítulos teóricos e o metodológico. Como próximo objetivo tem-se a aplicação da pesquisa de campo com vistas a coletar e analisar os dados. Espera-se com a pesquisa contribua para a literatura existente, bem como demonstre o quanto o norte de Mato Grosso tem uma vasta contribuição linguística, e detêm maior diversidade cultural, devido ao processo migratório existente de moradores que vieram das regiões Sul, Sudeste e Nordeste.

Palavras-chave: Variação linguística, Prosódia, Sociolinguística, Dialetologia.

Área: Fonologia e ensino

Trabalho: “O MENINO PERGUNTA AO ECO ONDE É QUE ELE SE ESCONDE”: ENSINANDO A SEGMENTAÇÃO DE PALAVRA NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

Autor(es): Giovanna Alves Santos, Luciani Ester Tenani

Resumo: Onde se escondem os limites da palavra? Essa questão é feita pelo menino, ancorado nas práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas, e pela poetisa Cecília Meireles, como nos versos de “O eco” que abre o título desta comunicação. E a língua, heterogênea e ambígua, apenas responde: “Onde? Onde?”. Cientes de que segmentar palavras ortográficas é tarefa complexa e de que seu ensino exige conhecimentos linguísticos do professor, especialmente fonológicos e morfológicos, apresentamos, nesta comunicação, possibilidades de ensino de segmentação de palavras ortográficas a partir de textos poéticos de Cecília Meireles, que põem em cena segmentações alternativas de palavras, como “a ponta” > “aponta”. Em contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF), o objeto do estudo foram os critérios para identificação de fronteira de palavra e os dados foram a flutuação das segmentações de palavra, como “que ria” (“queria”). À luz de uma concepção heterogênea de escrita e do arcabouço teórico da fonologia prosódica, analisaremos (i) quantitativamente as ocorrências de flutuações identificadas em pares de textos produzidos por um mesmo grupo de alunos antes e depois do trabalho didático-pedagógico com poemas de Cecília Meireles, e (ii) qualitativamente, buscando motivações morfossintáticas e prosódicas desses registros. Participaram do estudo 143 crianças matriculadas em duas escolas públicas do noroeste paulista, que produziram 286 textos, sendo metade caracterizada como escritas iniciais e a outra metade, reescritas feitas após o trabalho sobre segmentação em sala de aula. Os resultados demonstraram: (i) maior tendência de registros convencionais de fronteira de palavra nas reescritas, em relação às escritas iniciais, sendo essa diferença estatisticamente relevante; (ii) maior recorrência de registros que envolvem representações dos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, como pé métrico, relacionado a padrões rítmicos da Língua Portuguesa, e sílabas, majoritariamente, aquelas que correspondem a palavras funcionais da língua ou aquelas que pertencem a sílabas pretônicas de palavras lexicais. A partir desses resultados, interpretamos que a relação não isomórfica entre fronteiras de palavra fonológica e morfológica se mostra como grande ponto de tensão no ciclo de alfabetização. Por isso, argumentamos a favor da concepção heterogênea de escrita nas escolas e da presença de atividades que explorem a complexidade linguística envolvida no emprego do espaço em branco. Assim, defendemos a importância de propostas

didáticas que contemplem as hipóteses de representação de palavra que emergem do imaginário infantil sobre a escrita, subsidiando, às crianças, problematização dos critérios eleitos, para que, em meio aos ecos da língua(gem), o(a) menino(a) possa encontrar respostas para suas perguntas.

Palavras-chave: Segmentação, Flutuação, Ortografia, Fonologia, Ensino.

Trabalho: A HIPOSEGMENTAÇÃO NA ESCRITA DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA PROSÓDIA

Autor(es): Iara Cardoso de Sá, Lucirene da Silva Carvalho

Resumo: Este artigo busca investigar a influência de aspectos prosódicos na compreensão da linguagem oral e a relação entre esta e a escrita dos alunos do ensino fundamental (séries finais) da educação do campo, observando os processos de segmentações indevidas nas sequências das palavras escritas, as hipossegmentações, mais detidamente nas palavras que se caracterizam por emprego não convencional de uma fronteira gráfica (por meio de aglutinação) dentro dos limites da palavra, como “agente” e “concerteza”. Os objetivos que delinearão a pesquisa basearam-se na análise e identificação das possíveis hipóteses levantadas por esses alunos para segmentar as palavras de forma condensada entre elas. Nesses momentos de reflexão, as junturas indevidas que ocorrem na segmentação das palavras se manifestam, uma vez que o aluno ainda não reconhece o vocábulo lexical isolado. A investigação adota o quadro teórico que discute a apropriação da escrita, fonologia e ensino, como estudo teórico-descriptivo, fundamentando-se em autores, tais como Cagliari (2002), Ferreiro e Teberosky (1999), Zorzi (1998), Cunha (2004), Chacon (2013), Kato (1986), Bisol (1999, 2000, 2005, 2013), e, com base nos dados levantados em pesquisa piloto produzida por uma das pesquisadoras, busca dar um tratamento teórico bem fundamentado para os lapsos ortográficos observados na produção escrita dos aprendizes. A amostra é constituída por 33 (trinta e três) produções textuais coletadas em aplicação da atividade-piloto para as duas turmas do 7º ano (7º A e 7º B) da rede pública, localizada na zona rural do município de Codó (MA) e está, basicamente, dividida em duas etapas: (i) produção textual espontânea dos alunos; e (ii) levantamento nas produções dos problemas mais recorrentes, com a mediação e intervenção da docente. Em seguida, os dados coletados passaram por um procedimento qualitativo e quantitativo com vistas a averiguar os percentuais de ocorrências de segmentações não convencionais e relacioná-las ao contexto escolar pesquisado. Este estudo identificou que a prosódia pode estar interferindo na segmentação das palavras no texto escrito, pois o estudante apoia-se na fala cotidiana para o desempenho do ato, e quanto às segmentações indevidas, as mais frequentes são as hipossegmentações. Nesse sentido, com o intuito de minimizar essas ocorrências, e após o levantamento dos dados, a saída será trabalhar com a retextualização, conforme preconiza Marcuschi (2010), verificando a interferência dos aspectos prosódicos, nos textos, de maneira

positiva e/ou negativa. Nessa perspectiva, o trabalho deve partir dessas ideias, para que seja possível mitigar ocorrências de hipossegmentações no texto desses alunos, oportunizando a estes a apropriação das convenções gráficas na aprendizagem da escrita nas aulas de Português.

Palavras-chave: Hipossegmentação, Ensino de língua materna, Educação do campo, Prosódia.

Trabalho: A MONOTONGAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor(es): Sandra da Silva Sá Pena, André Pedro da Silva

Resumo: A partir da concepção de língua como ferramenta de interação por meio da qual se age social, cultural e historicamente, surge a necessidade de que o ensino de Língua Portuguesa aconteça em consonância com situações didáticas por meio das quais o aluno se reconheça, não apenas como falante, mas, sobretudo, como sujeito autônomo e reflexivo acerca desse objeto e seu uso emancipador. Nesse contexto, este trabalho expressa como objetivo central investigar a monotongação na escrita de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental nos anos finais. Nessa ótica, a monotongação, embora comum na modalidade falada de qualquer língua, quando observada na escrita, demonstra as lacunas inerentes aos aspectos didático-metodológicos do processo de ensino e aprendizagem. Sob esse viés, essa pesquisa está alicerçada nos arcabouços teóricos de Bisol (2014), Cagliari (2009), Collischonn (2014), Seara, Nunes e Lazarotto Volcão (2005) e Câmara Jr. (2015). Nessa perspectiva, a metodologia consolidou-se por meio de pesquisa quali-quantitativa, a partir da qual foram analisados os casos de monotongação realizados na escrita dos alunos. Os dados, obtidos através de uma avaliação diagnóstica aplicada nas turmas do 6º ano, permitiram identificar o processo cuja influência é proveniente da fala. Nesse contexto, a análise dos dados orientou a elaboração de um Ciclo Gamificado de Aprendizagem – CiGA – constituído por atividades pedagógicas com formato de jogo que, alicerçadas na Fonologia, foram desenvolvidas pelos alunos no primeiro semestre de 2021. O resultado do CiGA revelou uma redução significativa no quantitativo de apagamentos de grafemas relacionados à monotongação na escrita dos estudantes.

Palavras-chave: Monotongação, Fonologia, Ensino.

Trabalho: A TROCA DO PRONOME PESSOAL OBLÍQUO ÁTONO “ME” PELO TÔNICO “MIM”: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DA NASALIDADE

Autor(es): José Kelli Ibiapino Albuquerque

Resumo: Este estudo trata da variação linguística *me* ~ *mim*, referente ao pronome oblíquo *me*, quando este se encontra em posição adjunta ao verbo, fenômeno fonológico muito recorrente na fala de alunos do 8º ano de uma escola situada no município de Itainópolis-PI, e que se reflete em suas produções textuais escritas. Busca-se investigar se a forma nasalizada como tais alunos pronunciam o pronome oblíquo átono *me* - articulando-o, em suas falas, como “*mim*” - é fator que contribui para a troca desse clítico átono pelo oblíquo tônico *mim* em suas produções escritas. A realização deste estudo faz-se necessária devido ser esse uso inadequado do referido pronome um fator recorrente nas produções escritas de tais discentes, fato observado constantemente pelo professor de língua portuguesa da turma, o que afeta a qualidade de seus textos escritos. Toda a discussão referente ao presente estudo assenta-se nos estudos de Bisol (2014), Matzunauer (2017), Câmara Jr. (1970), Abaurre e Pagotto (2013), Silva (2002), Vagones (1980), Callou e Leite (1993), Battisti e Vieira (2014), Collischon (2014), Alves (2017), Cegalla (2020), Bechara (2019), Cunha e Cintra (2016), entre outros. Como *corpus* para a pesquisa, analisaram-se produções textuais narrativas escritas de sete alunos da turma supracitada, nas quais o pronome pessoal oblíquo de primeira pessoa do singular fora empregado, bem como cinco frases ditadas pelo produtor deste trabalho e escritas por eles, em que esse tipo de pronome também se fez presente. Os resultados mostraram que, tanto na produção textual narrativa como nas frases escritas pelos discentes, a troca do pronome oblíquo átono pelo tônico de primeira pessoa do singular fez-se presente.

Palavras-chave: Nasalidade, Pronomes Me/Mim, Fala, Escrita.

Trabalho: APAGAMENTO POR APÓCOPE DO RÓTICO /R/ EM VERBOS NO INFINITIVO NA ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FONO-ORTOGRÁFICA

Autor(es): Juliete Elaine Martins da Silva, Leônidas José da Silva Junior

Resumo: Ao considerar as relações existentes entre oralidade e escrita, a prática docente em língua portuguesa pode possibilitar o enfrentamento de dificuldades ortográficas apresentadas pelos alunos. Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva analisar as possíveis influências do processo fonológico apócope, do /R/, em verbos no infinitivo como em “tomar” → “toma”, no intuito de minimizar as dificuldades de escrita em uma turma de 6º ano de uma escola pública da rede estadual de ensino em Tacima/PB. Utilizamos como aporte teórico os estudos de Marcuschi (2001), Antunes (2003) e Soares (2020) que apontam para os usos da língua em suas modalidades escrita e oral de maneira correlacionada; Mollica (2003), Callou e Leite (2009) e Roberto (2016) tratam das noções em fonologia para entendimento do fenômeno – apócope; Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2017), sobre os apontamentos sociolinguísticos na relação fala-escrita; Kishimoto (1996) e Zorzi (2017) quanto à proposição de atividades pedagógicas que favoreçam a relação fonema-letra. Para a metodologia desta pesquisa, realizamos uma intervenção por meio da aplicação de atividades fono-ortográficas que ocorreu em três etapas: Pré-treinamento (atividades de diagnose e formação do *corpus* “pré-teste”), Treinamento (atividades fono-ortográficas de intervenção) e Pós-treinamento (atividades de monitoramento e formação do *corpus* “pós-teste”). Realizamos ainda o teste estatístico ANOVA de 2 fatores a fim de verificar uma possível atenuação do fenômeno investigado, por conjugação verbal, antes e após a intervenção. Os resultados obtidos revelam que a realização da intervenção contribuiu para a atenuação de Apócope. Ademais, verbos de primeira e terceira conjugações, -aR e -iR, estão mais suscetíveis à apócope, possivelmente, por motivações fonéticas (vogais de extremidade).

Palavras-chave: Apócope, Relação oralidade-escrita, Ensino de língua portuguesa.

Trabalho: APRENDIZAGEM DA ESCRITA, MUDANÇA LINGUÍSTICA E GRAFIA DO RÓTICO EM FINAL DE PALAVRA

Autor(es): Nicole Maria dos Santos Mello, Carolina Serra

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a (não) grafia do rótico em contexto de coda silábica final de palavra (“comer/come” e “jogador/jogado”) na escrita de crianças do Ensino Fundamental I, com *corpus* recolhido em duas escolas de perfis distintos, uma federal e uma municipal, situadas na cidade do Rio de Janeiro. Parte-se das seguintes hipóteses: 1) é mais frequente a não grafia do rótico na escrita infantil na classe dos verbos relativamente às demais classes morfológicas, assim como ocorre com o fenômeno de apagamento do rótico na fala adulta; 2) haverá diferenças entre os vocábulos a depender de sua dimensão, no sentido de que os monossilábicos vão possuir maiores índices de grafia do rótico, da mesma forma que ocorre com o processo de apagamento do R na fala adulta; 3) os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental I apresentarão diferenças em relação à grafia/não grafia do rótico em coda final, visto que a escola desempenha papel fundamental na recuperação da grafia do R; 4) as duas escolas apresentarão resultados distintos, em função dos seus diferentes perfis; 5) os resultados serão diferentes a depender do tipo de atividade aplicada; 6) haverá diferenças a depender do sexo da criança, tendo em vista que trabalhos sobre a escrita infantil já apontaram que as meninas tendem a escrever mais palavras e com menor índice de grafias não-convencionais (Mollica, 2003; Costa, 2013; Tenani, 2016; Torquette, 2016). Esse estudo tem como base os princípios da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005) e da Teoria da Variação e Mudança (TVM) (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1962, 1994, 2001). Utiliza-se um *corpus* composto por 330 textos, produzidos por crianças do 1º ao 5º ano da Rede Municipal e Federal da cidade do Rio de Janeiro. Realizamos a análise qualiquantitativa dos dados (1.826 em verbos e 365 em não verbos) em relação à grafia ou não grafia do rótico, levando em conta a observação do sexo da criança, da escola, do tipo de atividade, da classe morfológica e da dimensão do vocábulo. Verificou-se que os índices de não grafia do rótico vão diminuindo de modo longitudinal apenas para a Escola Federal, confirmando a hipótese que previa diferenças entre as escolas e que, de modo geral, verbos e não verbos apresentam comportamentos distintos. A análise da variável sexo revelou que as meninas estão à frente da implementação da não grafia do rótico na maior parte das atividades, para as duas escolas. A análise da relação entre a grafia/não grafia e a dimensão do vocábulo mostrou que na atividade “O Futuro

Desejado” os índices de não grafia são maiores nos polissilábicos, enquanto na atividade “Inventando História” os resultados não são uniformes. No 1º e 2º anos, do Colégio Federal, os índices de não grafia são maiores nos vocábulos polissilábicos. Acreditamos que os estudos que buscam compreender teórica e empiricamente o complexo processo de aprendizagem da escrita e suas relações com mudanças linguísticas em curso podem impactar positivamente a perspectiva educacional atual, o que potencialmente tornaria o ensino infantil mais eficiente.

Palavras-chave: Fonologia, Grafia e não grafia do rótico, Aprendizagem da escrita, Consciência fonológica.

Trabalho: AS SÍLABAS DO PORTUGUÊS E O ENSINO DE ORTOGRAFIA

Autor(es): Silvana Santos Damasceno Nascimento

Resumo: O objetivo desta comunicação é compartilhar com estudantes de Letras, pesquisadores e professores da Educação Básica uma prática de ensino voltada a reduzir o percentual de desvios de escrita motivados por sílabas complexas. Durante o aprendizado da escrita, a composição das sílabas que são formadas por uma vogal e mais de uma consoante, não necessariamente nessa ordem, oferece um nível maior de dificuldade aos aprendizes. Isso porque, no processo de alfabetização, as crianças aprendem, inicialmente, o padrão silábico consoante-vogal (CV) e apenas depois elas são expostas às demais possibilidades de arranjo silábico da língua. Segundo Carraher (1985, p. 275), “a existência de sílabas com estrutura diferente, seja pela presença de duas consoantes antes da vogal, ou pela presença de uma ou mais consoantes após a vogal, provavelmente, resulta em erros ortográficos nessas sílabas”. Diante da dificuldade em grafar palavras cujas sílabas apresentam padrões mais complexos, os aprendizes tendem a simplificar a formação silábica original. As sílabas complexas sofrem, então, um processo de transformação de modo a se enquadrarem na estrutura consoante-vogal pela perda de consoantes “extras” ou pela inclusão de vogais inexistentes entre as consoantes “extras”. Sob tal perspectiva, esta comunicação oral consiste no detalhamento de uma proposta de intervenção que teve por finalidade possibilitar aos aprendizes a compreensão e a apropriação das diversas possibilidades silábicas do português brasileiro. A prática a ser socializada foi tecida à luz dos pressupostos teóricos da Fonologia, mais especificamente da Teoria da Sílabas, conforme Bisol (2010) e Silva (2003), e considerou, também, as discussões sobre alfabetização e letramento (Morais, 2010; Lemle, 1987; Soares, 2018, entre outros). A intervenção, que foi aplicada em uma escola da rede pública com alunos de sexto ano, mostrou-se bastante eficaz, visto que resultou numa redução significativa de 48% nos desvios ortográficos motivados por sílabas complexas.

Palavras-chave: Fonologia e ensino, Ortografia, Sílabas complexas.

Trabalho: CASOS DE NÃO GRAFIA DO RÓTICO: EFEITOS DA MUDANÇA LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO TARDIO DA ESCRITA

Autor(es): Lucas Benamor Martins da Silva, Carolina Serra, Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

Resumo: Esta pesquisa se dedica ao estudo da (não) grafia do rótico em contexto de coda final de palavra – “morar ~ mora”; “interior ~ interio” – na escrita de alunos da modalidade EJA (Educação para Jovens e Adultos) em uma escola de vínculo federal e situada no Rio de Janeiro. O *corpus* analisado é formado pelas produções de 34 participantes envolvendo um total de 15 atividades realizadas em uma oficina disponibilizada para turmas desde o Fundamental I ao Médio IV, com o objetivo principal de auxiliar na alfabetização dos alunos. Na esteira dos trabalhos voltados a essa temática (Damulakis; Queiroz, 2016; Dutra, 2015, entre outros), majoritariamente baseados na escrita infantil, pretende-se contribuir para a investigação das possíveis semelhanças e diferenças na forma que cada grupo aprende a escrever. Por um lado, devido à maior preocupação dos adultos com o estigma social atribuído a desvios ortográficos dentro da cultura letrada, estima-se que, de fato, há diferenças. Por outro, em conformidade com o viés piagetiano adotado por Ferreiro e Teberosky (1986), considera-se que, em ambos os casos, o escrevente em formação é ativo no próprio aprendizado, estipulando, refutando e reformulando hipóteses a fim de compreender o conteúdo com que interage e, nesse ínterim, escrevendo formas desviantes da escrita convencional. Ademais, presume-se que, assim como as crianças amparam as suas hipóteses iniciais no conhecimento fonológico que possuem sobre a língua materna antes mesmo de chegar à escola (Cagliari, 1996; Mollica, 2003; entre outros), também o fazem os adultos. Partimos, portanto, da premissa de que a difusão expressiva do cancelamento do rótico em final de palavra na fala adulta (Callou, 1987; Monaretto, 1997, 2002; Oliveira, 1983, entre outros) terá impacto em alguma medida sobre as ocorrências de não grafia durante o período de alfabetização, compartilhando inclusive condicionamentos semelhantes para a sua ocorrência nos textos escritos. Nesse sentido, vocábulos suscetíveis à queda do segmento na fala – a saber: verbos em comparação a nomes e polissílabos, a monossílabos –, na passagem para o papel, sejam grafados sem o -r mais frequentemente. Em acordo com os postulados da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005) e da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1962, 1994, 2001), pressupõe-se que, juntamente a esses fatores estruturais, é relevante a atuação de fatores sociais

– por exemplo sexo e local de origem – e do monitoramento estilístico, de modo que, a depender da atividade aplicada, variem os percentuais de ocorrência da não grafia. Também é considerada a frequência com que os vocábulos aparecem nos textos. Esta pesquisa se propõe a conduzir uma análise qualiquantitativa dos dados recolhidos – em torno de 500 verbos e 150 não-verbos – focalizando a (não) grafia do rótico e discutindo brevemente outros fenômenos observados que também envolvem o rótico, como a hipercorreção. Os resultados preliminares apontam que a não grafia ocorre em 19% dos dados totais de verbos e 11% dos de não-verbos, o que vai de encontro à nossa expectativa de que a classe morfológica acarretaria distinção significativa.

Palavras-chave: Grafia e não grafia do rótico, Aprendizagem da escrita, Educação para Jovens e Adultos, Consciência Fonológica, Sociolinguística Educacional.

Trabalho: CONTE COM FONES: ALFALETRANDO NAS REDES

Autor(es): Vanessa Gonzaga Nunes, Vitor Hochsprung

Resumo: A portaria nº 1009, de 10 de outubro de 2013, reconhece o mestrado profissional em Letras, que tem como proposta promover a formação continuada de professores do ensino fundamental no ensino de Língua Portuguesa em todo o território nacional. Desde então, docentes do ensino superior vivenciam a satisfação e o desafio de transpor seus conhecimentos científicos em conteúdos que venham auxiliar os professores a dirimir as dificuldades de aprendizagem dos escolares. De acordo com o portal da UFRN, universidade que sedia o Programa, atualmente, o Profletras reúne 49 unidades-polo em 42 universidades das cinco regiões brasileiras. São inúmeros os trabalhos que chegam às escolas com propostas didáticas que podem mudar o rumo da educação básica, sobretudo, na atual conjuntura em que o Ensino Fundamental maior apresenta lacunas que deveriam ter sido preenchidas nos anos iniciais. No entanto, notamos dois complicadores: (i) a falta de base sobre a oralidade que incide à escrita e suas regras e (ii) a falta de eco dos trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos nas escolas em que não existem professores pesquisadores. Levando em consideração que o mundo está conectado, o presente trabalho apresenta uma proposta que visa criar meios para popularizar sugestões de letramentos iniciais nas redes sociais. Pautados em estudos sobre letramento (Soares, 2008, 2017, 2022; Kleiman, 2017; Marcushi, 2001, 2010; Marcushi; Dionísio, 2017, Scliar-Cabral, 2003, 2009, Moraes, 2023, Bortoni-Ricardo, 2004) e em estudos sobre divulgação científica (Bueno, 2010; Caribé, 2015) e popularização da Linguística (Hochsprung, 2022, 2023; D’Almeida *et al.*, 2024), desenvolvemos um projeto que promove o letramento fonético através de textos para serem lidos e ouvidos. O produto final, endereçado, sobretudo, aos professores que atuam nos anos iniciais, é uma coletânea de contos e crônicas infantis de popularização da linguística, especificamente no módulo fonológico de análise gramatical. A versão escrita (livros físicos e textos digitais) conta com atividades complementares e a versão oral (em formato *podcast*) se apoia na prosódia que dá características de contação. O material traz respostas e reflexões sobre problemáticas de letramento, como distinção entre vogais médias altas e baixas, sons nasais, róticos, dígrafos, processos fonológicos, dentre outras dificuldades frequentes.

Palavras-chave: Fonética e fonologia, Letramento, Divulgação Científica, Popularização da Linguística.

Trabalho: DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E A APRENDIZAGEM DE ESCRITA INICIAL DE ALUNOS DO 2º ANO NO MUNICÍPIO DE QUEIMADOS/RJ

Autor(es): Andrezza Oliveira Freitas, Daniela Samira da Cruz Barros

A consciência fonológica refere-se à habilidade de usar – de forma intencional – não apenas os sons individuais como também as sílabas, as partes das sílabas (rimas) e as palavras (Cristófar, 2024). Desenvolver a consciência fonológica contribui para a aprendizagem de leitura e escrita, pois aprender a segmentar fonemas de forma consciente é essencial nesse processo. A partir de dados de escrita dos alunos, é possível tanto identificar em que nível de escrita eles se encontram (Ferreiro; Teberosky, 1999) quanto pensar em estratégias que contribuam para o avanço aos níveis de escrita seguintes. Esta pesquisa tem como objetivo investigar o que a escrita inicial de alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública do município de Queimados (RJ) – Baixada Fluminense – revela a respeito do desenvolvimento de sua consciência fonológica. A justificativa é que investigar a relação entre o desenvolvimento da consciência fonológica e a aprendizagem de escrita inicial contribui para que o professor alfabetizador entenda que habilidades seus alunos já desenvolveram e em quais estão precisando avançar. A partir desses dados, é possível elaborar atividades que contribuam para o avanço da aprendizagem da escrita. Nesta pesquisa, as informações serão obtidas da seguinte forma: cada aluno participante da pesquisa passará por três etapas: diagnose, atividades de intervenção e reavaliação. A primeira etapa consiste em levar o discente, com a orientação da docente, a responder a quatro testes: o primeiro avaliará habilidades de consciência de palavras; o segundo, habilidades de consciência silábica; e o terceiro, habilidades de consciência fonêmica. Esses três testes terão como estrutura um texto base e pelo menos cinco perguntas, cada qual enfatizando uma habilidade específica dentro do nível de consciência fonológica analisado. O quarto teste consistirá num ditado, com palavras selecionadas pela docente, cujo objetivo será constituir *corpus* para identificar em que nível de escrita o alfabetizando se encontra (Ferreiro; Teberosky, 1999). É previsto que a diagnose revele que existem determinadas habilidades que devem ser melhor desenvolvidas, o que levará às atividades de intervenção, as quais serão criadas de acordo com o que a etapa de diagnose revelar. Todas as atividades serão aplicadas na escola, durante o horário de aula e os alunos receberão orientação da professora ao longo do processo. Para a primeira etapa, estão previstas 6 horas-aula.

Para a segunda, dois meses do período letivo, para em seguida entrar na última etapa, com duração semelhante à primeira.

Palavras-chave: Consciência Fonológica, Alfabetização, Aprendizagem de escrita.

Trabalho: ERROS ORTOGRÁFICOS NA ESCRITA DE ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Autor(es): Mariana Cunha

Resumo: O ensino da Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental tem sido objeto de reflexões importantes, especialmente no que diz respeito à aprendizagem da escrita. Nos anos finais, os erros ortográficos podem comprometer o desempenho dos estudantes tanto no plano formal quanto no conteúdo dos textos produzidos. Entre os problemas mais recorrentes nas produções escritas estão as trocas de letras (como “s” por “z”), confusões entre o uso das terminações verbais “AM” e “ÃO”, e a omissão ou acréscimo de letras. A pesquisa teve o propósito de identificar, descrever, analisar e classificar os erros ortográficos presentes nas produções escritas dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Jequiá da Praia/AL. A partir dessas ocorrências, buscamos planejar e propor atividades com jogos pedagógicos que envolvam análise linguística, especialmente voltadas à ortografia, visando ajudar os estudantes a dominar o código escrito. A pesquisa utilizou como base os estudos de Bortoni-Ricardo (1998) e Morais (1998), que investigam a relação entre fala e escrita, bem como o percurso que os estudantes fazem para assimilar e dominar a língua escrita, dissociando-a da fala. A metodologia adotada foi de um trabalho sistematizado com um plano didático de composição estrutural simples: leitura, produção de escrita espontânea, escuta perceptiva referencial e jogos pedagógicos. Os resultados do trabalho indicaram que os erros são motivados pelo comportamento linguístico dos estudantes e que podem estar relacionados à variação linguística, pois evidenciam, principalmente, “características dos enunciados falados (no que diz respeito à dimensão sonora da linguagem) nos enunciados escritos” e a reflexão, por parte do estudante, sobre o que consideram uma palavra e seus limites no papel (espaços em branco antes e depois da palavra). Como podemos observar, tais erros apontam a transição do estudante escrevente por práticas orais/faladas para as práticas letradas/escritas. A abordagem reflexiva e colaborativa mostrou-se eficaz na promoção do aprendizado, estimulando os alunos a se tornarem mais conscientes dos riscos de cometer equívocos ortográficos e a se envolverem ativamente no processo de correção e aprimoramento de suas produções textuais.

Palavras-chave: Fala, Escrita, Erros ortográficos, Ensino de Língua Portuguesa.

Trabalho: ESTUDOS SOBRE POVOS INDÍGENAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: ADEQUAÇÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS, MORFO-SEMÂNTICAS DE VOCÁBULOS DO TRONCO TUPI PARA O PORTUGUÊS

Autor(es): Carla de Aquino Cunha, MarluCIA Maria Alves

Resumo: Conhecer as nossas origens é uma forma de conhecermos a nós mesmos. Contudo, grande parte da sociedade brasileira desconhece não só as suas próprias raízes como também o fato de elas ainda serem uma realidade nacionalmente vivas. Assim, a pesquisa que foi realizada tratou de estudos acerca das principais contribuições de línguas indígenas do tronco Tupi para a formação do português brasileiro com efetivas adaptações fonético-fonológicas, morfológicas e semânticas por que passaram diversas palavras indígenas na sua adequação à língua portuguesa falada no Brasil. Para exemplificar algumas características fonéticas do Tupi, Rodrigues (1986) afirma, em relação ao sistema de sons de línguas indígenas do tronco Tupi, que a diferença está no número de consoantes oclusivas que é de, apenas, quatro, sendo uma labial [p] (pó “mão”), uma dental [t] (itá “pedra”), uma velar [k] (kó “roça”) e uma glotal [ʔ] (’á “fruta”), além disso, são todas desvozeadas. O presente estudo consistiu em desenvolver atividades interdisciplinares junto a estudantes do Ensino Fundamental com o intuito de atender a questões legais previstas nos documentos oficiais da educação formal, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e na Constituição Federal, que preconiza ser obrigatório o estudo da história e da cultura indígena nos estabelecimentos de ensino básico, com a inclusão de variados aspectos da história e da cultura na formação da população brasileira (Brasil, 2008). Dessa forma, buscamos reconhecer e valorizar a identidade linguístico-cultural brasileira por meio de estudo concretizado sob a forma metodológica de oficinas pedagógicas, que favoreceram aprendizados acerca de elementos étnico-culturais indígenas, que possibilitaram o desenvolvimento de competências e de habilidades necessárias à vida pessoal e social, visto enfatizarem o protagonismo estudantil e viabilizarem a promoção do letramento.

Palavras-chave: Povos e línguas indígenas, Tronco Tupi, Português brasileiro, Adaptações fonético-morfológicas e semânticas, Oficinas pedagógicas.

Trabalho: FONO(ALVO): A NASALIDADE EM JOGO

Autor(es): Denson André Pereira da Silva Sobral

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo fonológico da nasalização na escrita dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de um Colégio Estadual do município de São Cristóvão/SE. Segundo Mattoso Câmara (1992), o processo de nasalização é o resultado do encontro de uma vogal com uma consoante nasal. Esse encontro pode ser marcado por uma ação distintiva, que resulta em mudança de significado e chamamos de fonológica e, sem distinção de significado, que chamamos de fonética. Esta apresenta apenas alteração no fone, ou seja, apresenta variação linguística como, por exemplo, /banana/ ou /bãñãna/. Já em minto e mito [miNto] e [mito], a mudança no fonema alterou o significado da palavra. Neste estudo, buscaremos averiguar os contextos linguísticos e extralinguísticos em relação ao apagamento, a inserção ou a troca do arquifonema nasal, resultantes de uma possível interferência da fala na escrita provocando, assim, desvios. O interesse pelo tema surgiu a partir da observação empírica da pesquisadora no que tange aos erros ortográficos cometidos na escrita dos(as) alunos(as), descritos posteriormente como decorrentes da nasalização presente na fala deles. A pesquisa justifica-se, portanto, pela necessária intervenção pedagógica na escrita dos alunos, com o fito de reduzir o apagamento, a inserção ou a transformação da nasalidade na escrita. Destarte, trabalhar a nasalidade fonológica apresentada nos textos escritos de estudantes do Ensino Fundamental implica a melhoria do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. O trabalho está embasado metodologicamente no pressuposto da Pesquisa-ação (Thiollent, 1986), fazendo uma abordagem quantitativa e qualitativa. Como aporte teórico, recorreu-se aos estudos: de Mattoso Câmara Jr. (1986, 1992), nos quais o autor discute a diferença entre nasalidade e nasalização em Língua Portuguesa; de Cristóvão Silva (2003); Hora (2009); Callou e Leite (2009); Bisol (2011); Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), que abordam os processos fonológicos na fala; de Bortoni-Ricardo (2005), que trata a interferência da fala na escrita; de Roiphe (2020), que reflete sobre os jogos tradicionais em sala de aula; bem como Carlos Alberto Faraco (2008) a respeito da norma padrão. Para ajudar os(as) alunos(as) a refletirem sobre os erros detectados em suas produções escritas, foi elaborado um Jogo Pedagógico intitulado “Fonoalvo”. Almeja-se, com a pesquisa em tela e o jogo pedagógico, reduzir o fenômeno da nasalização na escrita dos(as) estudantes, colaborar com os(as) demais professores(as) e gestores(as) educacionais na melhoria da escrita dos(as) alunos(as) do Ensino Fundamental, além de contribuir para os estudos na área da fonologia.

Palavras-chave: Fala, Processo Fonológico, Nasalidade.

Trabalho: FONOLOGIA E ENSINO: COMO TRABALHAR O ACENTO GRÁFICO EM SALA DE AULA?

Autor(es): Flávia Camata de Oliveira Malaguth, Marian Oliveira, Vera Pacheco

Resumo: A omissão do acento gráfico é um problema recorrente mesmo nas turmas mais avançadas da educação básica. Silva, Almeida e Marra (2020) mostram que o problema da acentuação gráfica é o mais preocupante entre os problemas ortográficos. Além disso, resultados de avaliações externas mostram que o problema do uso do acento gráfico é uma realidade e um desafio para os professores de Língua Portuguesa de todo país. Uma das causas desse problema é a forma como o acento gráfico é trabalhado em sala de aula, com a regra pela regra, que deve ser tão somente memorizada pelos alunos. Diante desse cenário, nosso objetivo era investigar a eficácia do ensino do acento gráfico por meio do algoritmo de acentuação gráfica, proposto por Pacheco e Oliveira (2021). De acordo com esse algoritmo, é possível acentuar as palavras usando a lógica subjacente à estrutura e tonicidade das sílabas e a necessidade de marcação gráfica. Utilizando o algoritmo, é possível reduzir as 25 orientações de uso do acento gráfico, previsto no nosso acordo ortográfico, a apenas 4 regras. Assim, aplicamos, no 7º ano do ensino fundamental, atividades diagnósticas para coleta e análise de dados da condição da turma antes da intervenção. A partir desses dados, aplicamos oficinas interventivas, que contribuíram para a compreensão do algoritmo de acentuação gráfica, assim organizadas: Oficina 1: Sílabas e tonicidade silábica; Oficina 2: Peso silábico; Oficina 3: Peso silábico e tonicidade silábica; Oficina 4: As proparoxítonas; Oficina 5: Algoritmo de acentuação gráfica. Por fim, realizamos atividades diagnósticas finais, para verificarmos a eficácia desse método de ensino. Os resultados mostraram melhoras significativas no uso do acento gráfico em todos os tipos de tonicidade e estrutura silábica, o que comprova a eficácia do uso do algoritmo de acentuação gráfica no ensino desse conteúdo. A partir das atividades interventivas aplicadas, nasceram dois cadernos pedagógicos, um do aluno e outro, do professor, com atividades e propostas de ensino baseadas no algoritmo de acentuação gráfica. Esperamos que a apresentação e divulgação desses cadernos pedagógicos possam contribuir para um ensino otimizado do uso do acento gráfico. Esperamos, ainda, que nossa pesquisa possa fomentar discussões e reflexões a respeito do ensino do acento gráfico e sobre o uso do conhecimento fonológico nas práticas de ensino da escrita em todo Brasil.

Palavras-chave: Acentuação, Tonicidade, Estrutura, Fonologia, Ensino.

Trabalho: FONOLOGIA EM SALA DE AULA: EXPERIÊNCIAS, REFLEXÕES E DESAFIOS NAS PRÁTICAS DE ENSINO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Autor(es): Rose Maria Leite de Oliveira

Resumo: As dificuldades enfrentadas por professores da educação básica ao lidar com a Fonologia, enquanto componente da língua, são perceptíveis em seus relatos, principalmente na fala dos que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental. Construir saberes com os alunos, a partir dos aspectos sonoros da língua, para dominar reflexivamente a língua, compreender processos fonológicos, combater o preconceito linguístico, direcionar o trabalho com a escrita e formar hábitos linguísticos parece ser ainda território complexo quando o ponto de partida é componente fonológico. Nesta direção, o presente trabalho tem como objetivo analisar a compreensão de professores-pesquisadores da educação básica, acerca do papel da Fonologia e de suas possibilidades de exploração em sala de aula, a partir de depoimentos e propostas metodológicas produzidas no contexto da disciplina Fonologia, Variação e Ensino, do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras). Trata-se de uma pesquisa básica, descritiva, qualitativa, *ex-post-facto*, fundamentada nas discussões de Kailer, Magalhães e Hora (2023), Roberto (2016), Cardoso (2009), Simões (2006), Rodrigues (2005), dentre outros. Os resultados demonstram algumas relações instigadoras no universo das práticas docentes com componente sonoro da língua: a de que o professor da educação básica carrega lacunas em sua formação acadêmico-científica no tocante, inicialmente, à compreensão da natureza abstrata do som e da sua relação com outros processos integrados com a leitura, a escrita e a oralidade; a de que a efetiva exploração do aspectos fonológicos da língua como suporte para alavancar práticas exitosas para explorar os componentes sonoros e suas significações em diversos contextos de usos linguísticos dependem do saber científico constituído no campo da fonologia, não podendo ser marginalizado; e a de que a oferta de programas de formação continuada para explorar e discutir a importância da fonologia no ensino de língua portuguesa é engrenagem para que tanto aluno quanto professor possam compreender esse campo como promissor para o debate sobre as variações, os recursos estilísticos da língua, as relações ortográficas e outras temáticas atinentes à formação escritora e leitora plena dos aprendizes como sujeitos sociais.

Palavras-chave: Fonologia, Ensino, Educação Básica, Profletras.

Trabalho: O DESENVOLVIMENTO DE JOGOS PEDAGÓGICOS PARA O APRIMORAMENTO DE DESVIOS ORTOGRÁFICOS

Autor(es): Fernando Augusto de Lima Oliveira, Marcus Garcia de Sene

Resumo: A escrita é um sistema notacional que conta com uma série de propriedades linguísticas, espaciais e temporais que a caracterizam: (i) a relação entre letras e sons (uma letra pode representar um ou mais sons e um som pode ser representado por várias letras); (iii) as variações entre o modo de pronunciar as palavras e a forma de escrevê-las; (iv) a posição de cada letra no espaço gráfico e a direção da escrita; (v) a linearidade e a segmentação. Nesse sistema, a ortografia ocupa um papel decisivo, dado que sistematiza a maneira “correta” de escrever cada palavra da língua, mas também se apresenta como um grande desafio para os professores da educação básica. Isso porque a ortografia é fruto de uma convenção arbitrada ao longo da história, isto é, nem sempre há um princípio gerativo (regra) que determine o emprego de uma forma em detrimento de outra. O desafio do trabalho com a ortografia tem sido evidenciado em estudos que se propõem a diagnosticar as dificuldades ortográficas de alunos do Ensino Fundamental II à luz de hábitos da fala para a escrita e do desconhecimento das regras arbitrárias de convenção da escrita (Amaral, 1986; Bortoni-Ricardo, 2015; Sene, 2018; 2019; 2020; Santos, 2023). Diante disso, o presente trabalho propõe-se a apresentar o desenvolvimento de dois jogos pedagógicos desenvolvidos no âmbito do Laboratório de Jogos Pedagógicos de Linguagem (LaJoLi) da Universidade de Pernambuco, *campus* de Garanhuns, e vinculados ao Profletras da UPE/Garanhuns. Os jogos em questão, elaborados com materiais manipuláveis, foram construídos com vistas a auxiliar o professor no aprimoramento da modalidade escrita dos alunos, especialmente visando a superação de desvios ortográficos tanto daqueles que dizem respeito ao desconhecimento das regras arbitrárias de convenção da escrita, quanto daqueles que são motivados por hábitos da fala para a escrita. Os referidos jogos já foram aplicados e validados em trabalhos como o de Santos (2023); em sua dissertação de mestrado, a autora propôs a utilização desses jogos para a superação dos desvios ortográficos de seus alunos do 6º e 7º ano de uma escola pública de Caruaru (PE). Os jogos linguísticos manipuláveis são uma alternativa inovadora, capaz de levar os discentes a desenvolverem uma aprendizagem significativa, crítico-reflexiva, consciente e potencializada, gerando envolvimento, interação e motivação em sala de aula.

Palavras-chave: Jogos Pedagógicos, La JoLi, Desvios ortográficos.

Trabalho: O ENSINO DE PORTUGUÊS POR MEIO DAS CARTAS FONÉTICAS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ (ALAP)

Autor(es): Jéfter Gonçalves Amorim, Eliane Pereira Machado Soares

Resumo: Este trabalho tem como objetivo ensinar Língua Portuguesa tomando como objeto de estudo as Cartas Fonéticas do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) como instrumentos para o ensino dos ditongos orais decrescentes em uma turma do 9º ano do ensino fundamental da Escola Maria Cavalcante de Azevedo Picanço em Macapá/AP. O estudo ora citado utiliza os dados do referido Atlas, visando desenvolver estudos sobre os ditongos na fala do amapaense, a fim de impulsionar trabalhos voltados para o ensino de língua materna a partir do livro, bem como a produção de material didático voltado aos professores do ensino fundamental como suporte para as aulas de língua portuguesa. Tomamos como base os pressupostos contidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular Amapaense (RCA) no que se refere ao eixo análise linguística para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, que envolve o conhecimento sobre a língua, em específico as realizações variáveis dos ditongos decrescentes no falar amapaense. Quanto à metodologia, trata-se aqui de uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e caracterizada como uma pesquisa-ação. Consideramos para o nosso estudo as Cartas Fonéticas F08: Ditongo /ei/, F09 Ditongo: /ai/ e F10 Ditongo: /ou/ oriundas do ALAP. Com base nestas três cartas fonéticas, como proposta de ensino, produziremos um material didático para o ensino dos ditongos a partir de um Mapa Digital Interativo desenvolvido no Padlet, como suporte aos professores de língua portuguesa do ensino fundamental. Como resultados, esperamos que este estudo possibilite a construção de aulas dinâmicas, criativas e prazerosas aos alunos a partir deste ambiente de interação, a fim de prender a atenção do educando e promover a aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Ensino de Português, Variação Linguística, Atlas Linguístico, Ditongo, Amapá.

Trabalho: OLHA QUEM TÁ FALANDO!: UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES PARA CONSCIENTIZAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE

Autor(es): Vanessa Gonzaga Nunes

Resumo: É indiscutível que língua é um instrumento de poder. Muito antes de Cristo, os sofistas (IV e V a.C) já demonstravam que a habilidade com as palavras rendia *status* e dinheiro. Os discursos religiosos e políticos exercem indubitável influência de domínio sobre a sociedade. Todos os dias somos bombardeados por notícias, propagandas, mensagens virais na internet, conteúdos emitidos por influenciadores que conduzem mudanças ou ratificações de opiniões, comportamentos e decisões. Não é raro perguntar a uma criança sobre suas pretensões profissionais futuras e ouvir que ela quer ser “youtuber”. O mercado da comunicação visual/oral está em alta e parece que a escola não está acompanhando essa demanda de preparação para o mercado. Embora a fala seja adquirida espontaneamente através de estímulos familiares, a escola pode auxiliar na modalização discursiva, para que o interlocutor possa aperfeiçoar seu desempenho em público ou em certos usos da oralidade (Marcuschi, 2017). A BNCC preconiza a oralidade e a contempla em suas habilidades e competências. Severo (2019), no entanto, considera que as proposições do documento norteador ainda apresentam lacunas, já que as práticas orais não estão articuladas para a construção da cidadania, justiça social e sociedades mais acolhedoras, tampouco valoriza os contextos locais e os saberes trazidos pelos alunos. Diante desta problemática, elaboramos o Projeto “Olha quem tá falando!”, que consiste em uma sequência de atividades, executada em 20 aulas, que pretende abordar a oralidade de maneira crítica e reflexiva e entrelaçar questões sociais e técnicas para o aperfeiçoamento do desempenho oral dos alunos em contextos públicos. As atividades estão sendo aplicadas em uma escola municipal de Carmópolis, em uma turma de nono ano, no ProSic (Programa Estadual Sergipe na Idade Certa), na disciplina de Letramento e Projeto de Vida. No primeiro momento, foi feito um teste diagnóstico que visava inferir o conhecimento e a opinião dos alunos sobre temas transversais à oralidade, como preconceito e variação linguística. Na sequência, o planejamento contempla uma série de atividades com temas como: (i) regionalismos e identidade, (ii) discursos formais em registros regionais, (iii) análises de variedades ligadas a grupos sociais específicos e as condições socioeconômicas a partir de *podcasts* que contaram com a presença de profissionais diversos, dentre eles, militantes de causas raciais, ativistas indígenas, representantes de pessoas lgbtqiapn+, dentre outros, (iv) elementos de comunicação,

(v) parâmetros prosódicos; (vi) aspectos da prosódia visual. A culminância do projeto pretende que alunos possam, a partir de suas vivências e reflexões, colocar em prática seus conhecimentos sobre oralidade em apresentações orais.

Palavras-chave: Fonética e Ensino, Letramento, Oralidade.

Trabalho: ONDE BATE A MINHA LÍNGUA? E A SUA? PALATOLOGRAFIA E LINGUOGRAFIA ESTÁTICAS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA VISUALIZAR A VARIAÇÃO FONÉTICA EM SALA DE AULA

Autor(es): Andressa Toni

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo propor o uso da palatografia e da linguografia estáticas como ferramentas didáticas para o ensino-aprendizagem da Fonética Articulatória no Ensino Superior (com possibilidade de transposição ao ensino básico). A palatografia e a linguografia são métodos para localizar os pontos de contato entre a língua e o palato durante a produção de fala (Ladefoged, 1957), semelhantes ao procedimento de carimbo, e que podem ser obtidas utilizando materiais simples: um pequeno espelho, óleo de cozinha e carvão ativado em pó (encontrado em farmácias). Esta abordagem de ensino incorpora técnicas experimentais comumente utilizadas na pesquisa de campo para apresentar, de forma palpável e corporificada, objetos de estudo como a Tabela Fonética Internacional e os conceitos de articulador ativo, articulador passivo, ponto de articulação e modo de articulação, proporcionando recursos visuais para o estudo das características articulatórias da produção das consoantes. Tal abordagem também propicia o estudo da variação linguística, permitindo a observação de diferentes articulações para um mesmo som, o que não só leva a uma verificação palpável dos conceitos de fone, fonema e alofone, mas também pode fomentar discussões acerca da relação entre o contexto social dos falantes e o uso de diferentes variantes fonéticas a uma variável linguística. Nesta apresentação, nosso objetivo é propor uma sequência didática em que os alunos, divididos em grupos, aprendam i) a coletar dados palatográficos e linguográficos; ii) a interpretar as fotografias palatográficas e linguográficas coletadas, reconhecendo os articuladores ativos e passivos da fala e os diferentes pontos e modos de articulação; iii) a reconhecer variantes fonéticas; e iv) por meio de informações socioeconômicas dos participantes, aprendam a criar e testar hipóteses para relacionar a variação observada a padrões sociolinguísticos. A sequência didática foi aplicada a quatro turmas do curso de Letras Português e Letras Inglês da Unicentro, apresentando resultados bastante produtivos: os estudantes foram capazes não só de coletar suas próprias palatografias e linguografias, mas também se mostraram engajados em identificar e comparar as variações micro e macrofonéticas encontradas nos resultados de seus pares. Essa experiência resultou, na aula seguinte, em um melhor entendimento dos recursos da Tabela Fonética Internacional (IPA) e do detalhe fonético presente na fala.

Palavras-chave: Fonética articulatória, Sociofonética, Ensino, Pesquisa de campo.

Trabalho: ORTOGRAFIA EM FOCO: IDENTIFICAÇÃO E REDUÇÃO DOS DESVIOS ORTOGRÁFICOS NA ESCRITA ESCOLAR

Autor(es): André Pedro da Silva, Luciary Reis

Resumo: Escrever ortograficamente nunca foi uma tarefa fácil para os estudantes de Língua Portuguesa, ainda que a ortografia seja uma convenção social, cuja finalidade é ajudar a comunicação escrita (Morais, 2010). A escrita é uma atividade processual desenvolvida em sala de aula e em cada etapa são trabalhadas determinadas habilidades para o desenvolvimento da competência escritora. Assim, o domínio das regras ortográficas é algo esperado em alunos do 8º ano, após passarem sete anos regulares estudando. Porém, percebemos que certos “erros” ortográficos são, até certo ponto, reflexo da oralidade, uma forma de interferência da fala na escrita e, por isso, muitos “erros” decorrem de processos fonológicos. Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo estudar os processos fonológicos mais recorrentes na escrita dos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental dos anos finais, a fim de construir atividades de intervenção didática, com o intuito de diminuir essas intercorrências ortográficas, de modo a promover uma melhora na escrita dos alunos daquele ano escolar, contribuindo para um maior domínio da ortografia da Língua Portuguesa. Para a realização dessa pesquisa, iniciamos a produção inicial de identificação dos processos fonológicos mais recorrentes e identificamos apócope, mais precisamente, o apagamento do grafema /R/. A partir dessa constatação, buscaremos construir atividades que visem aprofundar a consciência fonológica dos alunos, para que eles reconheçam o processo fonológico e se apropriem da escrita ortográfica. Esperamos que, ao final dessa proposta interventiva, os discentes tenham aprimorado os conhecimentos fonológicos, de forma a melhorar as aplicações das regras ortográficas em seu processo de escrita.

Palavras-chave: Processos fonológicos, Consciência fonológica, Desvios ortográficos, Escrita.

Trabalho: REFLEXÕES ACERCA DE AQUISIÇÃO DE ESCRITA NO EF SOB A INFLUÊNCIA DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS E O AUXÍLIO DA LUDICIDADE

Autor(es): Rogeria Bueno Fegueredo, Luciane Braz Perez Mincoff

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar um recorte do relatório de pesquisa com implementação intitulado “Jogos Pedagógicos, Processos Fonológicos e Aquisição de Escrita no 2º ano do Ensino Fundamental”, realizado no contexto do Profletras-UEM, que tem como tema a variação de desonorização e sonorização dos fonemas consonantais, sendo objeto de investigação a realização das consoantes oclusivas /p/, /b/, /t/, /d/ e fricativas /f/, /v/ e processos fonológicos em produções textuais de alunos do 2º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais. O referencial teórico é orientado pelos estudos de Cagliari (2009), Bortoni-Ricardo (2006) e Simões (2006), estudiosos que consideram importante contemplar na alfabetização questões da fonética e fonologia que levem o aluno a refletir como certos fatos da língua funcionam de forma mais racional, auxiliando na apropriação das estruturas da língua com mais facilidade, já que poderá compreendê-las melhor. Na parte inicial do estudo, discutiremos a abordagem do ensino da Língua Portuguesa nos documentos oficiais brasileiros, a contribuição da fonética e fonologia no ensino de Língua Portuguesa, questões da consciência fonológica e dos processos fonológicos no processo de aquisição da escrita dos alunos. A partir da análise dos “erros” encontrados nas produções textuais de natureza fonética/fonológica e relacionados à arbitrariedade da língua, será proposto um caderno didático de jogos que favoreçam as crianças a aprender sobre a língua e o sistema de escrita. Como resultados esperados, nosso propósito é auxiliar as crianças, por meio do lúdico, a compreender os princípios de funcionamento do sistema alfabético do Português brasileiro considerados tão complexos na fase da alfabetização.

Palavras-chave: Processos fonológicos, Escrita, Ludicidade.

Trabalho: ROTAPPCISMO: UM APLICATIVO PARA REDUÇÃO DO ROTACISMO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor(es): Alcione Vieira Silva, Leônidas José da Silva Junior, Allan Teixeira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar o “rotAppcismo”, um aplicativo para dispositivos móveis, desenvolvido em pesquisa realizada no PROFLETRAS/UEPB, com atividades fonológico-educacionais que potencializam a consciência fonológica dos discentes acerca do processo fonológico Rotacismo – no qual há uma troca da lateral alveolar /l/ pela vibrante simples/tepe [R] observada na produção oral e escrita dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal em Caldas Brandão/PB. Como fundamentação teórica, utilizamos os estudos de Cagliari (2002), Cristófarosilva (2003), Bortoni-Ricardo (2006), Lamprecht (2012) quando das características fonético-fonológicas do Rotacismo e sua transferência para escrita; bem como, no uso da consciência fonológica para sua amenização; Barbosa e Madureira (2015), no que tange à descrição fonético-acústica do tepe (rotacizado). Para metodologia, compusemos um *corpus* formado por doze participantes. Os dados orais foram obtidos através de leitura de frases-veículo produzidas pelos discentes contendo palavras-alvo passíveis de Rotacismo. Esses dados foram gravados para posterior tratamento acústico do fenômeno. Os dados escritos foram extraídos de atividades como textos e ditados em que os discentes escreveram palavras-alvo também passíveis de Rotacismo. Em seguida, realizamos descrição acústica do Rotacismo nas produções orais dos alunos e verificação da transferência deste fenômeno para escrita de textos. Por fim, realizamos uma análise estatística via Teste-T Bicaudal de Duas Amostras para verificação de diferenças entre as médias das produções orais e escritas de acordo com o fator de tonicidade silábica (silaba pretônica, tônica e postônica). Como resultados preliminares, os alunos realizam significativamente mais o referido processo na oralidade do que na escrita em sílabas tônicas e postônicas e, discretamente, mais nas sílabas pretônicas. Esperamos que o uso do aplicativo como proposta de intervenção amenize o fenômeno do rotacismo na escrita dos alunos. Para a continuação deste trabalho (atualmente em desenvolvimento), o aplicativo está passando por atualizações nas quais pretendemos incluir atividades que potencializem a produção oral da comunidade discente.

Palavras-chave: Rotacismo, Produção oral e escrita, Aplicativo fonológico-educacional, Processo ensino-aprendizagem.

TRABALHO: TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA NA ESCRITA DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor(es): Mayara Ferraz Lopes da Encarnação, Vera Pacheco

Resumo: O presente trabalho objetiva caracterizar as trocas entre grafemas na escrita de estudantes do 1º ao 9º ano motivadas pela transcrição fonética e fonológica. Os desvios ortográficos, como marcas que fazem parte do processo de aquisição da linguagem escrita, revelam-nos atitudes individuais de reflexões e conhecimentos formulados sobre esse processo (Cagliari, 2009). Dessa forma, faz-se necessário tentar entender os fenômenos linguísticos que estão por trás dos processos que levam os estudantes a “acertar” e a “errar” em suas produções escritas. Nesse sentido, a investigação sobre as relações entre a ortografia e os aspectos fonéticos e fonológicos é fundamental para uma melhor compreensão sobre as diferentes dificuldades ortográficas enfrentadas pelos estudantes. Nessa perspectiva, esta pesquisa visa contribuir para a compreensão dos aspectos linguísticos implicados nas trocas entre grafemas presentes em produções textuais de estudantes do fundamental no que se refere, principalmente, a trocas motivadas pela transcrição fonética e fonológica. Não há pretensão, no presente caso, de olhar para este fenômeno buscando doenças, distúrbios ou transtornos, mas sim discutir o funcionamento da escrita desses escolares, bem como refletir sobre aspectos da fonética e da fonologia que ultrapassam a esfera puramente descritiva. A pesquisa, que é um recorte da dissertação que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB), é um estudo qualitativo-quantitativo realizado com base em dois bancos de dados com registro de atividade de escrita de estudantes do ensino fundamental. Um dos bancos de dados utilizado foi elaborado pelo Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Linguagem, sob responsabilidade do Prof. Dr. Lourenço Chacon, da Universidade Estadual de São Paulo, e contém textos produzidos por estudantes do 1º ao 5º ano matriculados em uma escola da rede municipal de uma cidade do interior de São Paulo. A outra fonte utilizada é o Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Tenani, 2015), sob responsabilidade da Profa. Dra. Luciani Tenani, constituído por textos produzidos por alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, também matriculados em uma escola pública do interior de São Paulo. A partir da análise do banco de dados, são elaboradas tabelas para contabilizar as trocas relacionadas à transcrição fonética e fonológica por ano escolar e por tipo de troca. Tomando como ponto de partida os dados encontrados,

é realizado um teste estatístico para se determinar os tipos de troca mais frequentes e a distribuição dessas trocas nos anos escolares nas turmas analisadas. A relação entre fala e escrita é debatida a partir de discussões embasadas na leitura de autores como Luiz Carlos Cagliari (2009), Carlos Alberto Faraco (2023), Lourenço Chacon (2021), Luciani Tenani (2015), Ana Ruth Moreco Miranda (2020) e Darcilia Simões, que possuem vasta produção no que se refere a pesquisas relacionadas ao processo de aquisição da leitura e da escrita e aspectos teóricos linguísticos da ortografia.

Palavras-chave: Ortografia, Transcrição fonética e fonológica, Trocas na escrita.

Área: Variação fonológica

Trabalho: ALTERNÂNCIA ENTRE CONSOANTES LÍQUIDAS NO CONTEXTO DE ATAQUE COMPLEXO: REFLEXÕES SOBRE VARIAÇÃO E ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA

Autor(es): Ludquellen Dias, Juliana Ludwig Gayer, Silvana Santos Damasceno Nascimento

Resumo: Neste trabalho, observamos o comportamento do rotacismo em quatro bairros de Salvador/BA, a saber: Liberdade, Cajazeiras, Itapuã e Plataforma. O rotacismo é um fenômeno variável no português brasileiro, conhecido pela troca da consoante lateral /l/ por um rótico, também tratado na literatura como a alternância entre as líquidas, podendo ocorrer em dois contextos silábicos: ataque complexo, como em “placa~praca”, e coda silábica, como, por exemplo, “calçado~carçado”. Propomos, para este espaço, um enfoque apenas na ocorrência do rotacismo no encontro consonantal tautossilábico, ou seja, no ambiente de ataque complexo (bloco~broco). Trata-se de um fenômeno antigo na língua portuguesa, altamente estigmatizado, especialmente quando ocorre em contexto silábico de ataque complexo, além de estar comumente relacionado às pessoas menos escolarizadas, de classe social baixa e da zona rural, conforme afirma Bagno (2007). A amostra de fala aqui considerada faz parte do banco de dados do projeto “Vertentes do Português Popular do estado da Bahia”, coordenado pelo professor Gredson dos Santos. A análise realizada está baseada na sociolinguística variacionista proposta por Labov (2008), teoria que concebe a língua como heterogênea e variável, visto que observamos um fenômeno fonético-fonológico variável no português brasileiro. Nosso principal objetivo para este estudo é, tomando como base os resultados obtidos na análise variacionista para o fenômeno do rotacismo na cidade de Salvador, discutir sobre a importância dos conhecimentos, por parte dos professores da Educação Básica, sobre variação linguística para a adoção de uma concepção de língua que abarque a diversidade linguística encontrada na sociedade e, conseqüentemente, na sala de aula, além dos conhecimentos teóricos sobre fonologia como a teoria da sílaba (Selkirk, 1982; Bisol, 2013, 2014; Collischonn, 2010). Para finalizar, propomos uma intervenção didática que contribua para a reflexão dos estudantes sobre a questão da troca entre as líquidas no contexto de ataque complexo a fim de auxiliar a diminuir os desvios que tendem a aparecer na ortografia por interferência da fala e mitigar a propagação do preconceito linguístico.

Palavras-chave: Rotacismo, Variação, Fonologia e Ensino.

Trabalho: AS REDUÇÕES FONÉTICAS EM PRODUÇÕES DE TEXTOS DO CAMPO DE ATUAÇÃO VIDA PÚBLICA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS

Autor(es): Elizenice de Barros, José de Barros

Resumo: O presente artigo apresenta uma proposta didática de atividade sobre a presença de reduções fonéticas em produções de textos de estudantes de uma escola estadual do agreste de Pernambuco. Com foco no uso da norma culta em textos formais, especificamente do campo de atuação vida pública, trata-se de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa-interpretativa. Uma vez que o campo de atuação selecionado se volta para temas que estimulam a prática da cidadania e o exercício de direitos, dentre os textos produzidos, destacam-se as cartas de solicitação e de reclamação, campanhas de conscientização e de solidariedade, de maneira física ou digital. Como objeto de análise amostral, utiliza-se a identificação dos registros de reduções fonéticas em produções textuais de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental anos finais. Entre esses registros, notamos a presença de “pra” (“para”), “tá” (“está”) e “num” (“em um”) com suas variantes. O trabalho fundamentou-se teoricamente a partir das considerações de Cagliari (2002), sobre aspectos da fonética do português brasileiro, incluindo processos de redução; Faraco (2008), sobre norma culta brasileira; de Sá (2015) sobre variação linguística e variação regional; de Bagno sobre preconceito linguístico (2008) e de Solé (1998) sobre estratégias de leitura. Além disso, e ainda que não tenha sido o foco principal desta proposta, esta atividade abre margem para uma relação interdisciplinar com os componentes curriculares Geografia e História, pois estimula um olhar crítico sobre o entorno e a origem dos espaços sociais dos estudantes e da escola. Através da escrita, a atividade promove ainda o protagonismo dos estudantes e oportuniza o uso de suportes diversos para expressarem as suas reivindicações.

Palavras-chave: Variação fonológica, Reduções fonéticas, Campo de atuação vida pública.

Trabalho: IMPACTOS DOS AVANÇOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA ADAPTAÇÃO LINGUÍSTICA DE MIGRANTES EM SITUAÇÃO DE CONTATO DIALETAL

Autor(es): Emerson Santos de Souza

Resumo: Recentemente, a Sociolinguística brasileira tem-se debruçado sobre os impactos linguísticos causados pelo contato entre dialetos mutuamente inteligíveis (doravante contato dialetal) (Oushiro, 2020, 2023; Santana, 2023; Souza, 2023; Ferraz, 2024). Apesar desse destaque, observa-se que, ao que parece, ainda não há discussões acerca dos efeitos dos avanços da educação brasileira na adaptação linguística de migrantes em situação de contato dialetal. Desse modo, pretendeu-se, neste trabalho, à luz da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972) e da Plasticidade Dialetal (Souza, 2023), analisar a realização do /r/ em coda, como em “porta” e “amor”, na fala de 47 migrantes baianos residentes na Região Metropolitana de São Paulo, recrutados a partir do método de redes sociais (Milroy, 1982; Bortoni-Ricardo, 1985). A expectativa foi a de que os baianos, ao migrarem para São Paulo, se adaptariam à comunidade anfitriã quanto ao uso do Retroflexo e Tepe, variantes típicas de variedades paulistas, em relação à forma Aspirada, variante típica de variedades baianas (Callou; Moraes; Leite, 2002 [1996]). Os resultados das análises estatísticas descritivas, feitas na Plataforma R (R Core Team, 2023), mostram que, de 12.652 dados de /r/ em coda, 63,3% são de Apagamento, 25,9% de Aspirada, 6,7% de Retroflexo e 4,1% de Tepe. Os modelos estatísticos de regressão logística de efeitos mistos, com inclusão do Participante e do Item lexical como variáveis aleatórias, mostram que há correlação do uso do Retroflexo/Tepe com o Tempo de residência (0,050 *logodds*, $p = 0,02$); Rede de contato com baianos em interação com Contexto fônico precedente (0,119 *logodds*, $p = 0,0006$); Rede de contato com baianos em interação com Contexto fônico seguinte (0,108 *logodds*, $p = 0,007$); Classe morfológica (-1,061 *logodds*, $p = 0,001$); Estilo em interação do Posição da sílaba (-1,727 *logodds*, $p = 0,001$) e Idade (0,046 *logodds*, $p = 0,038$). Os dados do presente trabalho, além de apresentar padrões da adaptação linguística de migrantes em situação de contato dialetal, fornecem pistas que evidenciam as contribuições dos avanços da educação brasileira no que diz respeito ao combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Plasticidade dialetal, /r/ em coda, Contato dialetal, Educação brasileira.

Trabalho: O APAGAMENTO DO /R/ EM INFINITIVOS VERBAIS

Autor(es): Thais Abreu de Oliveira, Érica Aparecida Alves Fraga

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral analisar o fenômeno do apagamento do /R/ nas formas verbais do infinitivo na escrita de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nossos objetivos específicos são investigar os contextos linguísticos e extralinguísticos que afetam o fenômeno de apagamento do /R/ na posição de coda final dos verbos do infinitivo na produção escrita dos estudantes da EJA, de uma escola estadual do Ceará, e analisar em que estágio, em progresso ou estável, a regra do apagamento do /R/ se enquadra, com base no referencial teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), que oferece conhecimentos fundamentais sobre a natureza dinâmica da língua e sua relação intrínseca com o contexto sociocultural em que é empregada. A escolha por essas turmas da EJA se deu principalmente por sermos professoras e percebermos que muitos alunos, após anos de escolarização, ainda chegam a esse nível de ensino com dificuldades ortográficas que já deveriam ter sido superadas por esses estudantes. Com relação aos trabalhos que abordam a temática do apagamento do /R/ em relação à fala e à escrita, os quais foram essenciais para a produção do nosso envelope de variação, salientamos que há uma extensa produção literária sobre esse fenômeno na linguagem oral. Entretanto, encontramos poucos estudos no tocante à escrita. Assim, controlamos, a partir de duas atividades escritas, as variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária e profissão, bem como as variáveis linguísticas tipo de vogal antecedente, número de sílabas, sonoridade do segmento subsequente, categoria gramatical e posição do vocábulo na frase. Coletamos um total de 244 dados e, após análise estatística do programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamont; Smith, 2005), verificamos que a profissão serviços gerais, a vogal alta anterior antecedente, o gênero/sexo feminino e o desvozeamento do segmento subsequente foram, nesta ordem, os fatores que mais favoreceram o apagamento do rótico nos infinitivos verbais.

Palavras-chave: Apagamento do /R/, Variação linguística, Escrita, EJA, Goldvarb X.

Trabalho: RESTRIÇÕES QUE FAVORECEM OU NÃO O HIATO OU O DITONGO NA SEQUÊNCIA IV

Autor(es): Dermeval da Hora

Resumo: Sobre o Português Brasileiro (PB), há inúmeros estudos que tratam dos ditongos. Desde os anos 1970, Camara Jr. estabeleceu um quadro dos ditongos em que figuram 11 ditongos decrescentes e apenas um ditongo crescente. Esse ditongo crescente, por sua vez, resulta da sequência em que as consoantes /k,g/ são seguidas da vogal assilábica [w] + uma vogal silábica, como em “água”; [‘agwa]), “qual” [kwaw]; “tranquilo” tran(kwi)lo. No que concerne aos ditongos decrescentes, são inúmeros os estudos que o tratam sob a perspectiva variacionista, chamando a atenção para relações alternantes que convivem em formas como “cad[ej]ra x cad[e]ra, f[a]jxa x f[a]xa, t[ow] x t[o]ro”, indicando a existência de uma realização monotongada. No que diz respeito ao ditongo crescente, esse processo de variação não é identificado, mesmo no uso mais coloquial que se faça da língua. Logo, realizações como “água [‘aga], qual [kal]” não são bem aceitas, embora tran[ki]lo seja uma forma utilizada, mas é alvo de preconceito por alguns. Há no português brasileiro, sequências constituídas de duas vogais, a que chamamos de hiato, que podem muitas vezes ser avaliadas como ditongo. Em muitas línguas, o hiato é uma sequência evitada (Casali, 1997, p. 493), e o falante se vale de algumas estratégias de reparo que o desfazem. Essas sequências, no português brasileiro, têm como primeira vogal uma das vogais altas /i/ e /u/ e, como segunda vogal qualquer vogal, a exemplo de “hóstia, índia, família, esbórnica, relógio, matéria, ópio, lábios, série, contínuo, etc.” ou as vogais médias respectivas que sofrem um processo de elevação, a exemplo de “lêndea > lend(i)a, amêndoa > amend(u)a”. Tais palavras têm lexicalmente hiatos, desfazê-los significa reduzir palavras proparoxítonas a paroxítonas, manifestação canônica para o português brasileiro, que também acontece em formas como “árvore > arvre”, “xícara > xicra” (Amaral, 1999, Silva, 2010), envolvendo o apagamento da vogal átona não final. A partir de dados coletados na comunidade de fala de João Pessoa e que fazem parte do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (Hora, 2015), em uma amostra com trinta e seis falantes, estratificados segundo o sexo, anos de escolarização e faixa etária, foram analisadas essas sequências, com o objetivo principal de apresentar os seguintes tipos de análises: (a) análise variacionista que identifique as principais restrições sociais e estruturais que estão associadas a essas sequências, implicando em sua manutenção ou redução. (b) análise das estratégias utilizadas pelo falante para desfazer o hiato (palatização por espriamento do traço coronal quando a primeira vogal

for /i/; apagamento da vogal, quando a consoante que precede a primeira vogal for (+cor, -cont), ditongação quando a primeira vogal for /u/). Na análise dos dados foi utilizado o RBRUL (2019). Os resultados apontam como principais restrições a escolaridade do falante e o contexto fonológico precedente; também foram selecionadas a faixa etária do falante, a extensão da palavra e a primeira vogal do hiato ou do ditongo. Não foram selecionados o sexo, o contexto fonológico seguinte, nem a categoria gramatical.

Palavras-chave: Ditongo crescente, Hiato, Restrições.

Trabalho: UMA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS DA DITONGAÇÃO DIANTE DE /S/ EM SERGIPE: DADOS DO ALIB

Autor(es): Lays dos Santos Andrade, Amanda dos Reis Silva

Resumo: O processo de ditongação consiste na transformação de uma vogal em um ditongo. Esse fenômeno linguístico é motivado por questões linguísticas e sociais, surgindo na fala dos indivíduos, no decorrer de processos históricos, e sofrendo interferências de fatores internos ao próprio sistema. Este trabalho analisa os condicionamentos estruturais do fenômeno da ditongação diante de /S/, como ocorre em “de(i)z”, “trê(i)s”, “pa(i)z”, “arro(i)z”, entre outros, nas localidades de Aracaju, Estância e Propriá, em Sergipe. Buscou-se testar fatores linguísticos e sociais que influenciam, ou não, sua ocorrência, como a tonicidade da sílaba, a posição da sílaba no vocábulo, a posição da consoante no vocábulo, a dimensão dos vocábulos, a zona de articulação da consoante em coda silábica e a qualidade das vogais. O estado de Sergipe, embora o menor do Brasil em extensão geográfica, é significativo historicamente, vinculado aos primeiros momentos de disseminação da língua portuguesa no Brasil. Originalmente parte da Capitania da Baía de Todos os Santos, assistiu ao contato entre o português e as línguas indígenas locais. Destaca-se pelo potencial hidráulico e pela presença do Rio São Francisco, importante curso de água, responsável pelo escoamento de pessoas e mercadorias e pelo partilhamento de variedades linguísticas. Utilizando o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o estudo foi desenvolvido com base nas elocuições de falantes nativos das cidades observadas, vinculando-se aos critérios de seleção da metodologia geral do projeto. Participaram homens e mulheres de duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), com escolarização fundamental. Em Aracaju, foram ouvidos também quatro informantes de escolaridade universitária, cujas falas não foram contempladas na amostra analisada. O estudo se baseia em premissas da Dialetoлогия e da Sociolinguística Variacionista. A Dialetoлогия objetiva levantar as falas de diferentes espaços geográficos, analisando suas similitudes e diferenças, e investigando variações de natureza geográfica. A Sociolinguística Variacionista estuda a língua em uso, sistematizando variações dentro de uma dada comunidade e proporcionando subsídios para a descrição das variedades do português em vários níveis. O fenômeno da ditongação diante de /S/, apesar de contar com poucas investigações, é uma inovação do Português Brasileiro. Estudos indicam que ele se manifesta de forma diferente nas várias capitais do Brasil (Silva, 2014). Para seleção dos dados, foi feita uma análise de fatores referentes às estruturas dos vocábulos

em observação, levando em conta as ocorrências de presença e ausência da ditongação diante de /S/, gravadas no decorrer da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Após o levantamento e revisão dos dados coletados, foi feita sua codificação, submissão ao *software* GoldVarb 2001 (Lawrence; Tagliamonte, 2001) e organização dos resultados. Os valores obtidos apontam a relevância de variáveis como a tonicidade da sílaba, a qualidade da vogal e a extensão do vocábulo.

Palavras-chave: Ditongação diante de /S/, Variáveis Linguísticas, Atlas Linguístico do Brasil, Dialetoлогия, Sociolinguística Variacionista.

Trabalho: VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL EM FALARES NORDESTINOS

Autor(es): Eliane Pereira Machado Soares

Resumo: Diferentes estudos de orientações descritivas, de base estruturalista, dialetológica, sociolinguística e geossociolinguística, demonstram que a consoante lateral palatal é bastante produtiva em termos de realizações e de distribuição em todo o território nacional. De um modo geral, os resultados encontrados atestam que a lateral palatal passa por processos fonológicos de despalatalização, que vão da permanência da lateral palatal até o seu apagamento. Neste trabalho, apresentamos as realizações variáveis dessa soante em cidades e capitais do nordeste brasileiro, a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os pressupostos teórico-metodológicos que sustentam a análise são da Dialetologia Plurimensional e da Geossociolinguística, pelos quais são identificadas as variantes lateral palatal e semivogal. A análise aponta que a variante lateral palatal é altamente produtiva em termos de realizações e de distribuição na região nordestina, e polariza, em termos sociais, com a realização semivocalizada, sendo a variação fortemente correlacionada aos condicionamentos sociais próprios de uma sociedade estratificada, o que indica as desigualdades a que os sujeitos falantes se encontram submetidos. Conclui-se que, em termos estatísticos, a variante lateral palatal está relacionada aos estratos sociais mais privilegiados, enquanto a realização semivocalizada, que não tem valor fonológico, pode fazer com que os falantes que a usam sofram maior ou menor estigmatização social, conforme a variante usada e o lugar que ocupam na sociedade, de onde advém o seu valor social. Em suma, a realização lateral palatal se acha associada aos falantes que estão mais acima, na escala social, especialmente, os de maior escolaridade, enquanto a semivocalizada está associada aos de menor escolaridade, corroborando tanto estudos mais recentes quanto mais antigos sobre o Português Brasileiro.

Palavras-chave: Lateral palatal, Falares nordestinos, Variação fonológica, Português Brasileiro.

Trabalho: VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA, IDENTIDADE E *LIKES*: DOS SMARTPHONES ÀS SALAS DE AULA

Autor(es): Amanda dos Reis Silva

Resumo: O conceito de redes sociais – teias de relações que os sujeitos estabelecem uns com os outros em comunidade, nas quais importam o número de pessoas da rede e a multiplicidade de relações estabelecidas (Chambers; Trudgill, 1994) – tem ganhado novos relevos nas Ciências Humanas, a partir da observação dos *sites* de redes sociais. Esses espaços virtuais potencializam a existência de laços, a partir da publicação de perfis públicos e da possibilidade de construção de conexão com outros sujeitos, amplificando e publicizando essas relações (Recuero, 2017). Com eles, surgiu um outro fenômeno, o da influência digital, que é a capacidade de um sujeito usar esses *sites* para, mais do que informar os seus posicionamentos, incitar ações, como compras e hábitos. Hoje, a “influência com sotaque” (Creators Brasil, 2021) pensada, inicialmente, para pequenos influenciadores do eixo norte-nordeste, tem por base o investimento em indivíduos que estabeleçam essas conexões pautadas em identidades linguísticas e culturais. No Brasil, a realidade linguística do PB é fruto de cenários históricos e sociais múltiplos e desiguais, cuja visão atual é caleidoscópica: são diferentes variedades, que convergem num núcleo comum (o mesmo sistema), mas detentoras de matizes variados, conforme a diferenciação dialetal, estrática e racial. Por conseguinte, questiona-se (i) esse modo de influenciar restringe-se aos pequenos, de regiões economicamente mais vulneráveis?; (ii) como variantes fônicas potencialmente estigmatizadas geram impactos positivos, fazendo com que esses sujeitos atinjam seus objetivos, até mesmo em âmbito nacional?; (iii) de que forma explorar esses recursos na formação de professores e ensino de português? Para melhor explorar a situação, tomou-se como ponto de partida vídeos publicados por quatro influenciadores digitais (@eumirellasantos, @cerejaaaaaa, @ruanjuliet e @ogustavotubarao) em seus *feeds* no Instagram, durante os meses de maio e de junho de 2024. Observou-se de que modo determinadas variantes fônicas do PB são deliberadamente utilizadas para reforçar os hábitos linguísticos e práticas sociocomunicativas comuns entre as criadoras de conteúdo e o público. Diante de algumas métricas como (i) o alcance dos vídeos; (ii) a quantidade de seguidores dos influenciadores; (iii) comentários nas postagens, que reproduzem as variantes, revela-se que, naquele contexto, esses traços linguísticos ganham avaliação positiva. Quanto ao ensino de língua portuguesa no Brasil, compreende-se que o acolhimento e o

trato da diversidade devem ser elementos centrais das práticas para as quais os futuros docentes serão preparados (Brasil / MEC, 2002). Sugere-se que esses vídeos, os quais, muitas vezes, fazem parte do cotidiano de jovens aprendizes, possam constituir pequenos bancos de dados para formação de professores de língua portuguesa, os auxiliando na compreensão: (i) do sistema sonoro em si e de algumas variáveis fonético-fonológicas do PB, como a realização retroflexa do /R/ final em ‘porta’, a realização glotal de /S/ em coda (‘mehmo’ ~ ‘mesmo’), a palatalização de oclusivas alveolares /t, d/ após /i/, como em ‘muito’, ‘doido’ e a monotongação do ditongo /ej/ (ex.: ‘fêa’, para ‘feia’) e (ii) de conceitos caros à análise sociolinguística (ex.: rede social, identidade, preconceito linguístico). Para mais, os mesmos materiais poderão fomentar possíveis práticas na Educação Básica.

Palavras-chave: Variação fonético-fonológica, Identidades linguísticas, Influência digital, Ensino de língua portuguesa, Redes sociais.

PÔSTERES



**INSTITUTO
DE LETRAS
UFBA**

Trabalho: A HIPOSEGMENTAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Autor(es): Luiza da Conceição da Silva

Resumo: Esta pesquisa tem por objeto a hipossegmentação na escrita da rede social X (Twitter) e a análise do seu fenômeno. A ocorrência desse processo manifesta-se na escrita e caracteriza-se por meio da reconfiguração dos espaços gráficos em branco que não são realizados de acordo com as normas de convenção da ortografia portuguesa. Observamos que essas junções, influenciadas pela fonologia prosódica e processos fonológicos, estão associadas a fases da aprendizagem da escrita tanto por crianças quanto por adultos que iniciam seu contato com as práticas de letramento escrito. Notamos, no entanto, que nas redes sociais surgem diversas ocorrências de hipossegmentação na produção escrita de sujeitos letrados (*acasacaiucleitin* por *a casa caiu cleitin*, *querose(r)* por *quero ser*, *ata* por *ah*, *tá*, *voumorrer* por *vou morre(r)*, *querimbora* por *quero ir embora*). Com base na observação de dados dessa natureza, surgiram as hipóteses de que haveria hipossegmentações decorrentes: i) do conhecimento fonológico internalizado (*tenque*, *acasa*), ii) de processos fonológicos (*praquilo*, *porisso*) e de iii) de uma motivação pragmático-discursivo (*tamojunto*, *vambora*). Dessa forma, objetivamos: i) analisar os dados de hipossegmentação na rede social Twitter, a fim de ii) identificar as diferentes motivações que atravessam essa escrita, e iii) descrever os processos fonológicos envolvidos. Para a análise do fenômeno, utilizaremos os conhecimentos da Aquisição da Linguagem (Chomsky, 1978; Lamprecht *et alii.*, 2004), da Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 1986, Bisol, 1996) e da Fonologia Gerativa (Bisol, 1986; Da Hora; Matzenauer, 2017). Como metodologia, utilizaremos a ferramenta de busca lexical disponível no X para o levantamento de dados, tendo por base padrões estruturais encontrados em pesquisas anteriores (Silva, 2021). Além disso, analisaremos os dados por meio de análise qualitativa, controlando possíveis fatores condicionadores (tipo de junção, domínio prosódico, posição no domínio prosódico, processos fonológicos e função pragmático-discursiva da hipossegmentação). Como resultados preliminares, encontramos hipossegmentação com maior incidência no nível prosódico do grupo clítico, do sintagma fonológico e do enunciado, maior protuberância envolvendo processos fonológicos como apagamento, inserção e alteração de segmentos e sílabas, bem como identificamos junções motivadas por questões pragmático-discursivas.

Palavras-chave: Fonologia prosódica, Pragmática, Redes sociais, Hipossegmentação, Processos fonológicos.

Trabalho: A SUPERGENERALIZAÇÃO DA REGRA DE DITONGAÇÃO NA ESCRITA EM MÍDIA DIGITAL

Autor(es): Anna Luíza Gomes da Silva Lopes, Eliete Figueira Batista Silveira

Resumo: Esta pesquisa tem por objeto o estudo da supergeneralização da regra de ditongação na escrita do microblog X (Twitter) e no Facebook. O fenômeno caracteriza-se pela inserção indevida dos glides [j, w] em contextos muitas vezes foneticamente favoráveis (como a proximidade do <lh> em espelho que ocasiona em espelho). O processo é comum, mas pouco frequente, na escrita inicial de jovens e adultos. Pesquisas sobre o fenômeno revelam a tendência à monotongação na modalidade oral da língua (*fera* por *feira*, *frox* por *frouxo*, *caxa* por *caixa*) em diversas variedades do português (Veado, 1983; Paiva, 1986; Ribeiro, 1990; Silva, 1997; Lopes, 2002; Farias, 2008, Freitas, 2017) especialmente diante de alveopalatais surdas e sonoras e de tepe, não mencionando a ocorrência de supergeneralização. Tal comportamento, no entanto, se mostra diferenciado na modalidade escrita em contextos digitais, apresentando um número expressivo de supergeneralização: *sandailha* por *sandália*; *trabailho* por *trabalho*; *caicho* por *cacho*, *deispedida* por *despedida*, *jeijum* por *jejum*; *deitalhe* por *detalhe*; *ampulheita* por *ampulheta*, *cabeicha* por *cabeça*; *houje* por *hoje*; *couxinha* por *coxinha*, e *namouro* por *namoro*. Como se pode observar, a ditongação observada nos dados está em desacordo com as regras da convenção escrita. Assim, com base na coleta de 464 dados (até o momento), analisaremos os fatores condicionadores da inserção indevida de glide, suportados nos fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), bem como nas discussões da Fonologia de base Gerativa (Bisol, 1999 [1986]). Como metodologia de coleta de dados, utilizaremos a ferramenta de busca disponível no microblog X e na rede social Facebook, controlando os seguintes fatores condicionadores: presença ou ausência do fenômeno; contexto fonológico antecedente e subsequente; distância do possível gatilho. Elaboramos *corpora* separados para cada tipo de ditongo supergeneralizado. Parte-se da hipótese de que: i) a palatalização é o principal gatilho para o surgimento do fenômeno, e ii) o falante tende a hipercorrigir a escrita, tendo em vista que há monotongação na fala. Como resultados, esperamos que o principal condicionamento do fenômeno sejam os contextos subsequentes <ch>, <j> e <r>, embora uma análise inicial dos dados revele outros contextos <lh>, <t> e <s>. Essa pesquisa visa a contribuir para o estudo da variação na escrita, assim como para a descrição do fenômeno no português.

Palavras-chave: Ditongo, Redes Sociais, Palatalização, Fonologia.

Trabalho: A APRENDIZAGEM DE FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO “TELÁRIS ESSENCIAL – PORTUGUÊS”, DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor(es): Isabelly Furtado de Andrade, Natã Araújo, Carla Sousa Neves

Resumo: No contexto do ensino de língua materna no Brasil, o livro didático desempenha um papel central ao atuar como um recurso fundamental para docentes e discentes. Desse modo, é essencial que esse material de apoio didático-pedagógico esteja alinhado com a abordagem curricular do ensino de Língua Portuguesa conforme as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), acompanhando as inovações resultantes das pesquisas acadêmicas na área da linguística. Diante disso, este trabalho visa analisar como é proposto o estudo dos aspectos fonéticos e fonológicos frente ao domínio da língua e não somente da gramática para o desenvolvimento de hábitos linguísticos de alunos no livro didático do 6º ano da coleção “Teláris Essencial – Português”, de autoria de Trinconi, Bertin e Marchezi (2022), inserido no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2024-2027. Para subsidiar o objetivo proposto, recorreu-se aos estudos de Silva (2019), sobre o funcionamento da língua com enfoque na textualidade, Antunes (2017) e Souza, Serafim e Ribeiro (2021) para abordar o ensino produtivo de gramática, entre outros. Em termos metodológicos, a pesquisa possui caráter bibliográfico e abordagem qualitativa. Nesse sentido, investigaram-se como os aspectos sonoros e suas convenções ortográficas, além do uso da textualidade, são abordados de modo a contribuir para a construção do comportamento linguístico dos discentes. Ademais, a que ponto os exercícios e as discussões da seção “Outros desafios da língua – os sons e as letras” do *corpus* de análise, valorizam a variedade linguística presente em seus discursos. Partindo disso, inferimos que tais exercícios, propostos pelas autoras do livro, demonstram avanços significativos em relação ao ensino tradicional, apontando, em sua maior parte, um ensino produtivo, por estimular os estudantes a refletirem e a aplicarem as estruturas linguísticas à luz da textualidade, e utilizar dos traços sonoros distintivos que influenciam a semanticidade durante a produção de enunciados. No entanto, ainda se encontram lacunas, uma vez que alguns textos são empregados para somente tratar da análise linguística, bem como atividades puramente descritivas, não conduzindo a necessária reflexão linguística e abordagens do gênero textual explorado. Portanto, tendo em vista as carências ainda existentes não só na aprendizagem de fonética e fonologia no Ensino Fundamental II, mas também em outros aspectos linguísticos que tendem ao domínio da

língua por parte dos estudantes em diversas interações sociais, orais e escritas, torna-se imprescindível a continuidade de estudos e análises constantes de materiais didáticos para a Educação Básica consoante a importância da fonética e da fonologia para práticas pedagógicas exitosas com a língua.

Palavras-chave: Fonética e Fonologia, Livro didático, Ensino Fundamental, Língua Portuguesa.

Trabalho: DESVIOS NA REPRESENTAÇÃO FÍSICA: GRAFIA VS. SOM, NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Autor(es): Joselice Daltro Minho, Elizabete Maia

Resumo: O dinamismo na ampla variação fonológica da Língua Portuguesa em relação à norma padrão brasileira causa bastante admiração do estudante da língua, ainda que usuário nativo, tanto quanto confusões entre suas regras ortográficas e respectivas particularidades. Assim, a língua registrada, que, originalmente, vem da fala, muitas vezes, leva falante e escrevente a determinados registros diferenciados, diante das arbitrariedades padronizadas, sem uma lógica aparente, que o faça seguir as regras ditadas. No ensino fundamental, da educação básica, de acordo com a menor experiência do falante, sobretudo enquanto escrevente, as confusões são mais comuns e constantes. A partir do exposto, essa pesquisa foi realizada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e com alunos do 2º ano do Ensino Médio, ambas escolas públicas, nas cidades de Salvador (Sussuarana) e Camaçari (Arembepe) respectivamente. Para realização dessa pesquisa, tomamos como aporte teórico as pesquisas de Cagliari e Massini-Cagliari (1999); Martins, Vieira e Tavares (2014), Miranda (2010), Mollica (2003) e Moraes (2008). O *corpus* dessa pesquisa se constituiu de produção textual em ambiente escolar, a partir das aulas de Língua Portuguesa e da Base Nacional Comum Curricular. Para tanto, propusemos a escrita espontânea de um texto, no qual se observaria uma constância em desvios da norma padrão em processos fonológicos, como: alçamento vocálico e apócope, no 6º ano do ensino fundamental; sendo este último também presente na escrita do 2º ano do ensino médio. A fim de solucionar as dificuldades observadas na pesquisa, proporemos algumas atividades que promovam a reflexão e aprendizado das normas pelos discentes, levando-os a entender esses processos.

Palavras-chave: Processos Fonológicos, Ensino, Ortografia.

Trabalho: EXPERIÊNCIA DE TABULAÇÃO DE ERROS ORTOGRÁFICOS NA ESCRITA DE ALUNOS DO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL POR GRADUANDOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE LETRAS DA UFRRJ

Autor(es): Nicole Silva, Tania Mikaela Garcia Roberto, Gean Roberto Braga Schneider

Resumo: Este trabalho é um recorte do projeto “Ensino de Ortografia: categorização dos erros e encaminhamentos pedagógicos” do Núcleo de Estudos sobre Prosódia e Ensino de Língua (NEPEL) do Departamento de Letras e Comunicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DLC/UFRRJ), no que compete às ações em nível de iniciação científica, iniciadas em julho de 2023, por dois alunos de graduação, uma bolsista e um voluntário. O objetivo desta fase da pesquisa foi tabular e categorizar dados coletados por mestrandos do programa ProfLetras da UFRRJ matriculados na disciplina de Fonologia, Variação e Ensino, relativos a erros ortográficos na Educação Básica. O projeto visa fornecer subsídios teóricos e metodológicos para um ensino mais reflexivo e eficaz da ortografia nos anos finais do Ensino Fundamental. Dados de pesquisa preliminar obtidos em 2018 evidenciaram erros não apenas relacionados à complexidade do sistema ortográfico, mas também no registro de palavras de uso frequente, no que se refere à acentuação gráfica, processo de hifenização e alçamento de pretônicas. Foram realizados ajustes metodológicos para maior controle das variáveis investigadas, de modo que os participantes da pesquisa foram submetidos a dois instrumentos: o primeiro, um conjunto de oito frases ditadas pelo aplicador, contendo ocorrências de palavras favorecedoras de contextos ortográficos passíveis de sofrerem registro incorreto; e o segundo, um conjunto de cinco ilustrações sequenciais geradoras de uma história a ser registrada livremente por escrito. Os alunos de IC envolvidos se dedicaram inicialmente a tabular tais dados. Esse processo visou identificar os erros ortográficos mais frequentes e entender motivações subjacentes de maneira abrangente e sistemática. No atual estágio da pesquisa, paralelamente à análise dos dados tabulados, buscam-se propostas pedagógicas eficientes para minimizar as dificuldades identificadas. A culminância do projeto consiste no desenvolvimento de um *site* para divulgar os dados e fornecer subsídios teóricos e metodológicos sobre o ensino de ortografia a professores da Educação Básica.

Palavras-chave: Erro, Ortografia, Ensino.

Trabalho: ÍNDICES DE INABILIDADE NA ESCRITA DE ESTUDANTES CONTEMPORÂNEOS E NA DE MÃOS INÁBEIS DO PASSADO: UM ESTUDO CONTRASTIVO DE FENÔMENOS GRAFOFONÉTICOS

Autor(es): Eduardo Vital Martins, Huda Silva Santiago

Resumo: No âmbito do projeto “Documentos produzidos por mãos inábeis: estudos linguísticos e filológicos” (NELP/UEFS), ligado ao “Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão” (CE-DOHS/UEFS), apresentamos os resultados preliminares de uma pesquisa de iniciação científica (PROBIC/UEFS). Neste estudo em questão, propõe-se comparar dados de escrita fonética em manuscritos pretéritos e em textos contemporâneos de estudantes, *corpora*, estes, produzidos por “mãos inábeis”, ou seja, scriptores estacionados em níveis incipientes de aquisição da língua escrita (Marquilhas, 2000; Barbosa, 2017; Santiago, 2019). Partindo de uma abordagem qualitativa, adotamos o método descritivo-interpretativo, a partir do paradigma indiciário (Ginzburg, 1989): inicialmente, realizamos edições semidiplomáticas de trinta e cinco produções textuais de alunos do Ensino Fundamental Anos Finais, seguindo as normas e critérios do “Projeto para a História do Português Brasileiro” (Mattos e Silva, 2001). Os fac-símiles dessas produções encontram-se disponíveis no memorial acadêmico do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFBA) de Nascimento (2019). Em seguida, analisamos os índices de fenômenos grafofonéticos desses textos, observando recorrências significativas relacionadas aos róticos, /R, R/ e a segmentos e suprasegmentos nasais, respectivamente, /m, n, ø/ e a nasalização e nasalidade. *A posteriori*, sistematizamos os dados desse recorte de fenômenos nas sincronias anteriores, a partir dos estudos de escrita inábil de Barbosa (1999), Marquilhas (2000), Oliveira (2005) e Santiago (2019), contrastando-se os contextos de ocorrência. Tal comparação revelou que esses fenômenos se manifestam de maneira semelhante ao longo do tempo, o que contribui para novas interpretações sobre as variações identificadas nos textos de estudantes da Educação Básica. Este estudo não apenas contribui para o refinamento do trato metodológico na constituição de *corpora* históricos, reduzindo os desafios enfrentados pelos pesquisadores em Sociolinguística Histórica (Romaine, 1982; Conde Silvestre, 2007), mas, também, amplia as perspectivas teóricas de ensino-aprendizagem da língua escrita para estudantes.

Palavras-chave: Fenômenos grafofonéticos, Manuscritos do passado, Textos de estudantes, Segmentos róticos, Segmentos nasais.

Trabalho: O APAGAMENTO DA VOGAL POSTÔNICA MEDIAL EM PALAVRAS PROPAROXÍTONAS NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO MAPEADAS PELO PROJETO ALIB – ETAPA I

Autor(es): Júlia Emanuele Andrade Nascimento, André Pedro da Silva

Resumo: A pesquisa presente, intitulada “O apagamento da vogal postônica medial em palavras proparoxítonas nas capitais do Nordeste brasileiro mapeadas pelo projeto Alib – Etapa I”, tem como objetivo geral descrever a realização do fenômeno de síncope da vogal pós-tônica medial em palavras proparoxítonas (Amaral, 1999; Bisol; Brescancini, 2002; Silva, 2006, 2010) em espaços regionais que integram o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2014). As discussões apresentadas foram limitadas à região Nordeste do Brasil, os estudos e as análises têm o enfoque nas capitais nordestinas, Salvador e Aracaju. Esse projeto realizou atividades que levaram em consideração os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que determinam a realização das variantes encontradas nos dados das entrevistas do projeto ALiB. Além disso, a pesquisa também visa propor o fornecimento à comunidade linguística de informações sobre o Português Brasileiro (PB) com base em dados empíricos coletados, como, também, oferecer aos professores de língua portuguesa subsídios para atuação no ensino da língua portuguesa. No Brasil, os estudos sobre as proparoxítonas são raros, mas já foram objeto de diferentes ciências da linguística, como a sociolinguística. Porém, no âmbito da dialetologia, não há informação de trabalhos relacionados ao fenômeno. Dessa forma, o projeto atual contribui não só para a comunidade acadêmica, com um estudo de cunho regional sobre as proparoxítonas, mas, também, contribuirá permitindo um confronto e comparação de normas e a extensão do quadro disponível sobre as vogais na posição medial em palavras proparoxítonas. Por fim, colabora empreendendo uma análise sociolinguística que compreende a diatopia do fenômeno em questão e como ele se apresenta no português brasileiro, permitindo uma análise ampla.

Palavras-chave: Proparoxítonas, Síncope, Projeto ALiB, Dialetologia, Nordeste.

Trabalho: O APAGAMENTO DA VOGAL POSTÔNICA MEDIAL EM PALAVRAS PROPAROXÍTONAS NAS CAPITALS DO NORDESTE BRASILEIRO MAPEADAS PELO PROJETO ALIB – ETAPA I: MACEIÓ E RECIFE

Autor(es): Carolina Lima Santos, André Pedro da Silva

Resumo: O projeto tem como objetivo geral descrever a realização e produção do fenômeno de queda ou síncope da vogal postônica medial em palavras proparoxítonas nas capitais do nordeste brasileiro mapeadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2014). A pesquisa realiza sua primeira etapa e analisa os pontos 61 (João Pessoa), 70 (Recife), 77 (Maceió), 79 (Aracaju) e 93 (Salvador) e os pontos a serem abordados pela pesquisadora no pôster serão Maceió e Recife. Assim, buscou-se descrever os condicionamentos linguísticos acerca da realização da queda das vogais postônicas mediais em vocábulos proparoxítonos, bem como os condicionamentos extralinguísticos que determinam essas variantes encontradas nos dados das entrevistas do projeto ALiB. Além disso, a pesquisa também visa propor uma distribuição dialetal do fenômeno por meio de cartas dialetais e estabelecer comparação entre os resultados encontrados e os outros diversos mapeamentos sociolinguísticos do fenômeno. A síncope das vogais em proparoxítonas já fora objeto de estudos de diferentes comunidades de fala no Brasil, mas é recente a análise a ser desenvolvida na rede de pontos do Projeto ALiB nas cidades supracitadas. Desta maneira, o projeto atual contribui empreendendo uma análise sociolinguística compreendendo a variação diatópica do fenômeno e como este se compõe no português da região Nordeste, permitindo uma análise, comparação e confronto de normas e crescimento do quadro e dados do que já foram estudados e se apresentam sobre este fenômeno no Brasil. Como resultados, após análise do programa computacional GoldVarb X, identificamos que dentre as categorias que utilizamos como contextos para favorecimento deste fenômeno, o *software* selecionou para os pontos 70 e 77: i) contexto fonológico precedente; ii) estrutura da sílaba e iii) sexo dos informantes. A cidade de Recife apresentou 3 síncopes enquanto Maceió teve 7.

Palavras-chave: Capitais Nordestinas, Fonética, Fonologia, ALiB, Variação Linguística.

Trabalho: O APAGAMENTO DA VOGAL POSTÔNICA MEDIAL EM PALAVRAS PROPAROXÍTONAS NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO MAPEADAS PELO PROJETO ALIB – ETAPA I: JOÃO PESSOA

Autor(es): Maria Eduarda Calazans Oliveira, André Pedro da Silva

Resumo: O estudo, que tem por título “O apagamento da vogal postônica medial em palavras proparoxítonas nas capitais do Nordeste brasileiro mapeadas pelo projeto Alib - Etapa I”, tem como objetivos principais descrever a tendência linguística de síncope da vogal pós-tônica não final em palavras proparoxítonas (Bisol; Brescancini, 2002), bem como entender de que maneira essa característica fonológica acontece entre os falantes e quais os fatores que influenciam a ocorrência do apagamento nas áreas dialetais que integram o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) (Cardoso *et al.*, 2014). Para esta pesquisa, foram utilizadas as entrevistas gravadas pelo Projeto ALiB e examinadas as palavras proparoxítonas presentes nos seus questionários do projeto, sendo eles os questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e o discurso semidirigido; não foram observados apenas as variáveis linguísticas, assim o contexto precedente e seguinte, a articulação da vogal, estrutura da sílaba e extensão da palavra, mas também extralinguísticas. Dessa maneira, quanto aos informantes, foram observadas as entrevistas de quatro informantes, dois de faixa etária 1 (18 a 30 anos) e dois de faixa etária 2 (50 a 65 anos), os quatro com mesmo grau de escolaridade, fundamental. Buscando entender o fenômeno da síncope que ocorre nas palavras proparoxítonas, em João Pessoa, a pesquisa contribui para a ampliação dos estudos dialetais no Brasil ao buscar descrever e compreender a realidade linguística da região paraibana, assim colaborando para o entendimento das variações linguísticas do português brasileiro. Assim, é possível a elaboração de materiais didáticos que contemplem a língua portuguesa como um instrumento social de comunicação que possui diversas normas de uso aprimorando o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, além de oferecer subsídios para pesquisadores, estudiosos da língua, valorizando as variedades linguísticas. Além disso, o estudo visa a continuidade, ampliação e atualização das pesquisas já realizadas pelo Atlas Linguístico do Brasil.

Palavras-chave: Variação linguística, Fonologia, Dialectologia, Palavras proparoxítonas.

Trabalho: OS DESAFIOS DA PRÁTICA DA ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR E SUAS PERCEPÇÕES FONOLÓGICAS

Autor(es): Camila Lima Castro, Celene Fernandes Barbosa Santos

Resumo: Os desafios do ensino da língua portuguesa relacionados à ortografia, escrita e fala são variados e complexos. A ortografia, com suas muitas regras e exceções, a escrita, com a construção de textos coerentes e coesos, dificultada pela necessidade de planejamento e revisão, e a fala, com desafios ligados às diversas variedades linguísticas do português, exigindo dos professores um equilíbrio entre ensinar o padrão formal e valorizar as variantes regionais e sociais. Além disso, problemas de consciência fonológica também impactam a leitura e a escrita, uma vez que a habilidade de decodificar sons tanto para a pronúncia precisa como a codificação dos sons em símbolos escritos afetam a capacidade de soletrar e escrever palavras corretamente, prejudicando a clareza e a precisão da escrita. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo a análise dos processos fonológicos de maior incidência, usando, para tanto, escrita de alunos do ensino médio regular, de um colégio estadual em Candeias/BA e outro em Jacobina/BA. Por conseguinte, para efeito de pesquisa, debruçamo-nos nos trabalhos de Cagliari e Massini-Cagliari (1999), Martins, Vieira e Tavares (2014), Miranda (2010), Mollica (2003) e Moraes (2008) e Regina Lamprecht (2017), a fim de propor atividades que viabilizassem uma melhor percepção destes processos naquelas realidades e, posteriormente, a redução de tais fenômenos. A partir disso, constatou-se a ocorrência de monotongação, ditongação e epêntese por um considerável quantitativo das referidas turmas. Assim, esses desafios demandam uma abordagem pedagógica diversificada, inclusiva e motivadora, adaptada às necessidades individuais dos estudantes, possibilitando a eles a necessária consciência para a mudança de comportamento nessa trajetória.

Palavras-chave: Processos fonológicos, Oralidade, Ensino, Ortografia, Escrita.

Trabalho: PARLAVENTURA: ENSINANDO ORTOGRAFIA DE MODO LÚDICO A PARTIR DE UM OBJETO DIGITAL DE APRENDIZAGEM

Autor(es): Priscila Paula Silva de Marins, Tania Mikaela Garcia Roberto

Resumo: Esta comunicação propõe apresentar o Parlaventura, um Objeto Digital de Aprendizagem (ODA), desenvolvido na pesquisa de Mestrado do Proletras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a fim de minimizar o baixo desempenho ortográfico de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental por meio da gamificação. A finalidade específica é facilitar a aprendizagem da escrita dos ditongos em processo de monotongação no português brasileiro, a partir de um gênero de tradição oral, a parlenda. A língua escrita é uma convenção social que reflete não apenas a comunicação, mas também o poder dentro de uma sociedade. Nesse contexto, a escola desempenha um papel crucial no ensino e na promoção do uso da língua padrão. No entanto, a influência da oralidade sobre a escrita pode representar um desafio significativo para os falantes, especialmente no que diz respeito à ortografia do português brasileiro. Em vista disso, O ODA projetado foca inicialmente na representação da monotongação na escrita, com previsão de atualizações para outros fenômenos ortográficos quando da continuidade do projeto pelo envolvimento de outros mestrandos. O jogo é composto, nesta primeira versão, por três parlendas, com quatro missões cada, voltadas à exploração dos ditongos na escrita, buscando atender aos requisitos esperados no processo de gamificação, tais como desafio, *feedback*, sensação de curiosidade, resolução de problemas, sentimento de realização, autonomia e domínio. O fenômeno da monotongação, frequente na fala, mostra-se um dos desafios para a escrita de textos formais. Assim, o objetivo desta comunicação é apresentar o ODA como ferramenta atrativa, estimulante e desafiadora para ensino de ortografia na Educação Básica.

Palavras-chave: Ortografia, Jogo, Monotongação, Objeto digital de aprendizagem, Gamificação.

Trabalho: PROCESSOS FONOLÓGICOS E SUA INFLUÊNCIA NA ESCRITA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Autor(es): Erica Silva Dias, Lais Silva Correia Paz

Resumo: É perceptível que os estudantes da educação básica demonstram dificuldades em apropriar-se das normas ortográficas e isso se deve, entre outras razões, à influência da fala na escrita, ou seja, os alunos buscam na oralidade uma forma para a sua escrita. Isso se verifica desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. A partir disso, percebemos que muitos desvios ortográficos ocorrem em decorrência dos processos fonológicos, que são recorrentemente utilizados pelos alunos e a sua comunidade, durante a oralidade. Nesse sentido, esta pesquisa tem o objetivo de averiguar quais processos fonológicos influenciaram mais expressivamente a escrita de estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, no intuito de propor estratégias e atividades para proporcionar ao aluno a reflexão e o aprendizado significativo das normas. Para realização desta pesquisa, pautamo-nos nos trabalhos de Cagliari e Massini-Cagliari (1999); Martins, Vieira e Tavares (2014), Miranda (2010), Mollica (2003) e Moraes (2008). Para tanto, aplicamos uma atividade de produção textual em duas unidades escolares públicas distintas, uma localizada no Centro de Lauro de Freitas, na Bahia, e a outra na zona rural de Petrolina, em Pernambuco, para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio/EJA (Educação de Jovens e Adultos). Nessa atividade, identificamos a apócope, a hipercorreção, a monotongação e a hipersegmentação como os processos fonológicos mais frequentes. A fim de solucionar as dificuldades observadas na pesquisa e auxiliar os discentes nesse processo, que para eles é desafiador, propomos atividades que promovam a reflexão e aprendizado das normas pelos discentes, levando-os a entender esses processos.

Palavras-chave: Processos Fonológicos, Fonologia, Ensino, Escola Pública.

Trabalho: PROCESSOS FONOLÓGICOS: UMA REFLEXÃO DOS TRAÇOS DA ORALIDADE PRESENTES NA ESCRITA ESCOLAR

Autor(es): Eliete dos Santos Lima, Soraia Pereira dos Santos, Geisiane Silva Santos

Resumo: O presente trabalho nasceu da análise dos processos fonológicos observados a partir da escrita de alunos do Ensino Fundamental II de três escolas públicas distintas. Segundo Lamprecht (2017), a descoberta da relação grafofonológica é alcançada através da reflexão sobre os sons da fala e sua relação com os grafemas da escrita, ações que não são pouco, ou quase nunca, realizadas nas escolas de modo geral. Além disso, percebemos que muitos desvios encontrados na escrita dos alunos ocorrem em decorrência dos processos fonológicos, recorrentemente utilizados pelos alunos e a sua comunidade, durante a oralidade. Assim sendo, após a aplicação da atividade com os alunos, foi possível observar que os desvios fonológicos mais realizados por aqueles estudantes foram o de apagamento do fonema /r/ em final de sílaba, o da elisão, o do rotacismo, o da hipossegmentação e o da despalatalização. Tais processos puderam ser coletados a partir de análise de produção textual, realizada para a disciplina de Fonologia, Variação e Ensino do PROFLETRAS. O que nos chamou a atenção foi o fato de que estes citados processos, em sua maioria, percebidos na escrita, são também aqueles que diariamente ocorrem na fala das comunidades, nas quais aqueles indivíduos estão inseridos. Para realização dessa pesquisa, nos pautaremos nos trabalhos de Cagliari e Massini-Cagliari (1999); Martins, Vieira e Tavares (2014), Miranda (2010), Mollica (2003) e Moraes (2005, 2008). A pesquisa se realizou nas unidades escolares Edvaldo Boaventura em Lauro de Freitas/BA, o Colégio Polivalente, em Feira de Santana/BA e a Escola Profa. Anfrísia Santiago, em Dias D'Ávila/BA. Para tanto, aplicamos um modelo de atividade sugerida de produção textual, no qual os alunos teriam autonomia para completar uma história a partir de imagens ou de um texto com uma pequena introdução e, com isso, eles teriam que finalizar aquele texto. A partir do exposto acima, e tomando por base os estudos de Moraes (2005), entendemos a importância das metas a serem alcançadas e, além disso, é preciso saber onde se quer chegar no processo do ensino-aprendizagem, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos. Posto isso, a fim de solucionar tais dificuldades, proporemos atividades para que essa reflexão, apontada por Lamprecht, seja alcançada pelos estudantes.

Palavras-chave: Processos fonológicos, Desvios ortográficos, Fonologia, Ensino.

Publique com a gente e
compartilhe o conhecimento



www.letraria.net

 Letraria[®]
